

MARIA AMÉLIA SERRA LOUREIRO

AGORA QUE JÁ NÃO SOU CRIANÇA...

2ª Edição



SECRETARIADO NACIONAL PARA
A REABILITAÇÃO E INTEGRAÇÃO
DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

ADERNOS SNR N.º 7
HRE/NOND/5R/12

Apoio financeiro do I.E.F.P.

13877

MARIA AMÉLIA SERRA LOUREIRO



AGORA QUE JÁ NÃO SOU CRIANÇA...



PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SEXUAL PARA
JOVENS COM DEFICIÊNCIA MENTAL MODERADA

2ª Edição



SECRETARIADO NACIONAL PARA A REABILITAÇÃO E INTEGRAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
1999

HDE/MDND/5R/12

Autor: Maria Amélia Serra Loureiro

Ilustrações: Isabel Rodrigues Ferreira

Editor: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência

Local e Data de Edição: Lisboa, 1999

Colecção: Cadernos SNR, n.º 7

Pré-Impressão, Impressão e Acabamento: Graforim Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 972-9301-24-7

Depósito Legal: 107.486/97

Maria Amélia Serra Loureiro

Psicóloga no Centro Educacional da Trofa da A.P.P.A.C.D.M..
Licenciada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e
de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
Pós-Graduação em Consulta Psicológica e Desenvolvimento
pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
da Universidade do Porto.

A todos com quem aprendi a existência de outras possibilidades de Ser.

Aos Alunos da **A.P.P.A.C.D.M.** - Delegação da Trofa - fonte de inspiração deste Programa.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
1. A Educação Sexual de Jovens com Deficiência Mental	13
1.1. Questões de concepção	15
1.2. Questões de Intervenção	17
2. Estrutura e Organização do Programa	21
2.1. Objectivos Gerais	23
2.2. Conteúdos e Actividades	23
2.3. Metodologia	24
3. Guia do Programa	27
PARTE I – EU E OS OUTROS	29
1. Espelho meu, como sou eu?	31
2. O meu retrato	31
3. Todos somos diferentes	32
4. O meu emblema	33
5. As nossas qualidades	33
6. Aquilo de que gosto mais	34
7. O modo como os outros me vêem	34
8. O que eu admiro nos outros	35
9. O modo como vejo os outros	35
10. O que eu necessito, o que eu desejo	36
11. As coisas iguais e diferentes que necessitamos e desejamos	37
12. Do que gosto e do que não gosto	37
13. Eu sou um sentimento	38
14. O que me faz sentir	38
15. O que eu sinto ... quando	39
16. Adivinha o que eu sinto	39
17. O que eu sinto pelos outros	40
18. Eu e o perigo	40
19. Como me manter em segurança	41
20. O que me faz decidir	42
21. A quem posso pedir ajuda	43

22. A quem posso pedir ajuda	43
23. Quem usa o quê?.....	44
24. Quem brinca ao quê?.....	44
25. Quem faz o quê?	45
PARTE II – O QUE MUDA QUANDO CRESCEMOS	47
26. Um, dois, três, responde lá outra vez	49
27. Puzzle do corpo humano	49
28. O nosso corpo por dentro	50
29. O corpo feminino e o corpo masculino por fora.....	50
30. O corpo feminino e o corpo masculino por dentro.....	51
31. Adivinha quem é?.....	52
32. A quem pertence?	52
33. Para quem é?.....	53
34. Um dia em Família.....	54
35. Os nossos momentos felizes	54
36. O corpo a crescer.....	55
37. O meu corpo agora	55
38. Cuidar do meu corpo	56
39. O que ajuda o meu corpo a sentir-se bem	57
PARTE III – O QUE GOSTAVA DE SABER SOBRE O SEXO	59
40. Que sentem eles, um pelo outro?	61
41. O respeito pela vontade dos outros.....	62
42. Eu e o meu corpo.....	62
43. Que sabemos do corpo uns dos outros.....	63
44. Que tem o amor a ver com o sexo	63
45. Como aparecemos na barriga da Mãe	64
46. Como crescemos na barriga da Mãe.....	65
47. Como nascemos	65
4. Materiais de Apoio.....	67
Índice temático	101
Bibliografia	109

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

"Agora que já não sou criança...", programa de Educação Sexual para jovens com Deficiência Mental Moderada, resultou duma intervenção directa, no âmbito da Educação Sexual, desenvolvida ao longo de um ano lectivo, junto de um grupo de alunos pré-adolescentes, frequentando uma Escola de Ensino Especial.

Embora concebido e aferido para um determinado tipo de população com Necessidades Educativas Especiais⁽¹⁾ — com Deficiência Mental Moderada⁽²⁾ simples ou associada a Deficiência Motora (Paralisia Cerebral) — o racional deste programa poderá, eventualmente, aplicar-se a outro tipo de população desde que se proceda aos ajustes e às alterações necessárias.

O programa destina-se a Psicólogos, Professores ou outros Profissionais (mormente da Saúde) que intervindo em contextos educativos especiais ou regulares pretendam desenvolver um programa de Educação Sexual junto dos seus alunos.

Apesar de ser evidente, na concepção deste programa, que a Educação Sexual não é uma área científica reservada a especialistas, torna-se imprescindível que o Profissional que o vai aplicar tenha em conta determinados princípios:

- Tome consciência das suas atitudes, tabus e valores face ao sexo e aos comportamentos sexuais da Pessoa com Deficiência Mental, evitando criar um clima valorativo que possa inibir a participação dos jovens e portanto dificultar a implementação do Programa.

- Valorize quer o ajustamento interpessoal, quer o ajustamento intrapsíquico do jovem, alterando se necessário o cumprimento do previamente programado.

- Incentive e implique (se possível através de iniciativas de Formação) os Pais, restantes Professores e Outras Pessoas Significativas, que interagem com o jovem, a partilhar a tarefa da Educação Sexual em geral e a participar na implementação do programa em particular.

- Procure estimular e reforçar quer a participação individual, quer a colaboração e cooperação dos vários jovens entre si.

- Evite usar o Programa duma forma rígida por receio de hipotéticas reacções adversas ocorridas em abordagens similares no passado.

Este programa poderá ser utilizado como um instrumento de apoio, para além do âmbito para o qual foi aferido, exigindo apenas da parte do Profissional que o vai aplicar a introdução dos ajustes que as necessidades e os interesses dos jovens, assim como o contexto em que decorre a sua aplicação, o justifiquem. Para tal, poderá ter que proceder à procura de novos conteúdos, à alteração da sequência dos objectivos propostos ou mesmo a substituição ou eliminação de alguns deles ou ainda o aproveitamento de novos recursos humanos e materiais que a comunidade lhe ofereça.

Finalmente, como aliás se poderá deduzir do título, "Agora que já não sou criança..." propõe-se facilitar o confronto dos jovens com as dificuldades próprias do seu crescimento e desenvolvimento enquanto Pessoa Sexuada e Sexual, proporcionando aos Professores e outros profissionais, que com eles interagem em contextos educativos, um conjunto estruturado de objectivos e actividades que os ajudem a superá-las.

(1) Posteriormente empregar-se-á a designação de Pessoa com Deficiência Mental em vez de Pessoa com Necessidades Educativas Especiais pelo uso mais generalizado da primeira, uma vez que o programa poderá eventualmente ser aplicado por profissionais que não trabalham directamente em contextos educativos, onde a segunda designação é mais comum e familiar.

(2) Usaram-se os critérios definidos pela American Association on Mental Deficiency quer para a elaboração do diagnóstico de Deficiência Mental, quer para o estabelecimento do seu nível.

1. A EDUCAÇÃO SEXUAL DOS JOVENS COM DEFICIÊNCIA MENTAL

1. 1. QUESTÕES DE CONCEPÇÃO

O primeiro objectivo de qualquer estabelecimento de Ensino Especial deverá ser o de procurar que todos os intervenientes no processo educativo das crianças e jovens com Deficiência Mental que os frequentam (Pais, Professores, Auxiliares de Educação e todas as outras Pessoas Significativas que, de algum modo, com eles interagem), se preocupem não só que os alunos aprendam o máximo que lhes é possível⁽¹⁾ mas também que cresçam e se desenvolvam como uma Pessoa individualmente realizada e socialmente integrada.

Sendo a Sexualidade uma dimensão da personalidade que segue a lógica e o ritmo do desenvolvimento global, reprimir ou ignorar a sua expressão nas crianças e nos jovens com Deficiência Mental seria dificultar o seu crescimento e o seu desenvolvimento enquanto Pessoas. Se por outro lado não existe educação que não seja sexualizada, então a Educação Sexual começa com a vida relacional. A Pessoa, seja quais forem as suas características, constrói-se na relação com uma Mãe, que é a mulher do Pai, e com um Pai, que é o homem da Mãe. São os exemplos e os modelos da relação Homem-Mulher que se oferecem quotidianamente às crianças e aos jovens, e sobretudo as trocas afectivas e a comunicação Pais-Filhos, Professores-Alunos, que mais contribuem para a harmonia do desenvolvimento psicológico global e do desenvolvimento psicosexual em particular. Daí resulta que, todos os que se relacionam e interagem com a criança e o jovem com Deficiência Mental, nos seus diferentes contextos de vida, de socialização, estão a fazer Educação Sexual. Por esse motivo, é importante e necessário intervir sobre a qualidade das suas interacções com eles. São estes Adultos, aliás, que presenciam a maior parte dos seus comportamentos afectivo sexuais, o seu interesse e atenção pelas imagens (dos mass media) e pelos comentários relacionados com o sexo e a sexualidade. São eles que, com mais frequência, são confrontados com questões relacionadas com a sexualidade e é, sobretudo deles, que a criança e o jovem querem obter uma resposta, porque é neles que mais confiam, é a intimidade deles que mais lhes interessa.

Se bem que necessária e importante, esta Educação Sexual informal ou implícita não tem sido, por si só, suficiente, especialmente em Pessoas com Deficiência Mental, em parte devido à menor qualidade de experiências e vivências relacionais e também ao menor número e diversidade de contextos de vida a que têm acesso, relativamente a qualquer outra criança e jovem da sua idade.

Todavia, tal como eles, os alunos com Deficiência Mental estão expostos a todo o tipo de mensagens sobre o sexo e a sexualidade, a todo o tipo de riscos: gravidez indesejada, abuso sexual (assédio, violação), exploração sexual, doenças sexualmente transmissíveis. Só que as limitações inerentes à Deficiência Mental de que são portadores tornam-nos mais indefesos e vulneráveis. Para ajudar a Pessoa com Deficiência Mental a enfrentar estas desvantagens, torna-se essencial proporcionar-lhe, o mais precocemente possível, uma Educação Sexual formal em que a sexualidade humana seja abordada numa forma explícita, isto é, objecto numa intervenção pedagógica intencional e estruturada, assumindo ou não a forma de Programa.

Os primeiros programas de Educação Sexual concebidos para Pessoas com Deficiência Mental incidiram, principalmente, na transmissão de informações e conhecimentos sobre a vida sexual, com a preocupação exclusiva de impedir e reduzir os problemas com ela directamente relacionados.

(1) Sobretudo mais no domínio cognitivo e em termos académicos.

Os que se lhe seguiram, esforçaram-se por não abordar a vida sexual numa forma tão "desligada" do seu contexto relacional, emocional e social, mas este foi tratado ainda como relativamente acessório e, fundamentalmente, como elemento informativo. Tanto uns como outros focalizaram, principalmente, a componente fisiológica da sexualidade humana, enquadrando-a, mais ou menos, em considerações de ordem ética e psicológica, preocupando-se em fornecer ao jovem o máximo de conhecimentos e saber sobre o assunto.

Estes programas tiveram resultados pouco eficazes pois veio-se a constatar que, quer pela sua concepção, quer pela forma de intervenção utilizada, um número significativo de Pessoas com Deficiência Mental que neles participaram, continuaram a apresentar comportamentos como os seguintes:

- Manifestações indiscriminadas de afecto (por exemplo: tocar, beijar conhecidos e estranhos) para além da idade socialmente aceite, por falta de aprendizagem sobre "o quando", "o onde" e "o com quem" deveriam ocorrer essas manifestações.

- Indefesa perante situações de risco de abuso sexual devido, por um lado, à interiorização pela Pessoa portadora de Deficiência Mental do princípio educativo de que deveria fazer sempre tudo aquilo que as outras pessoas "que sabem mais e melhor que eles" lhe dizem ou pedem para fazer, por outro, à não promoção da capacidade de tomar decisões e de ser assertivo.

- Não consideração dos sentimentos e necessidades expressas pelos outros, devido à falta de desenvolvimento da capacidade de reconhecer e respeitar, em qualquer tipo de relação, incluindo a de natureza sexual, os sentimentos e as necessidades do outro, atribuindo-lhes o mesmo valor que às suas.

- Dificuldades em comunicar os seus desejos, os seus sentimentos, medos e interesses, devido não apenas à Deficiência Mental de que eram portadores, mas também à falta de experiência de interacção e participação proporcionada aos alunos, por recorrer a uma metodologia demasiado expositiva.

- Exibição em público de comportamentos sexuais, por exemplo, práticas masturbatórias, não porque não tivesse sido ensinado às Pessoas com Deficiência Mental que esse comportamento deveria ocorrer em privado, mas sim porque se ignorou a importância da concertação, da coerência das atitudes e comportamentos a este propósito dos restantes educadores, presentes nos diferentes contextos de vida do aluno (restantes Adultos Significativos da Escola, Família, Vizinhos, etc.)

- Inquietação, vergonha e receio por parte de alguns jovens com Deficiência Mental em relação às alterações ocorridas no seu corpo, demonstrando que as explicações de natureza fisiológica não os tranquilizaram, uma vez que à "atitude abstracta e impessoal da ciência" se sobrepujaram as reacções mais díspares e concretas (repressão, por exemplo) das pessoas dos seus diferentes contextos de vida sobre o modo como exploravam, como se relacionavam com o corpo e obtinham prazer dele.

Para minorar os erros de concepção e de intervenção apontados e alterar os comportamentos afectivo-sexuais enunciados, surgiram novos programas de Educação Sexual entre os quais se inclui o "Agora, que já não sou criança..."

A concepção de Educação Sexual subjacente a este programa é mais global e abrangente que a dos anteriores no sentido em que contempla todos os componentes biológicos, psicológicos, afectivos e sociais da sexualidade humana, esforçando-se para que não ocorra qualquer espécie de reducionismo em relação a qualquer um deles, uma vez que estão permanentemente interligados. Daí que não procure apenas que os jovens com Deficiência Mental adquiram conhecimentos elementares sobre a fecundação, a gravidez e o nascimento, mas se preocupe também em lhes facilitar a construção da sua identidade sexual, a aceitação do seu corpo sexuado e a compreensão do seu funcionamento e crescimento, a expressão dos seus afectos e da sua sexualidade, o seu relacionamento interpessoal, o desenvolvimento das suas capacidades de reconhecer situações de risco, de tomar decisões, de ser assertiva e de pedir ajuda... isto é, a sua tarefa de existir com os outros. Defende por isso que a Educação Sexual só será eficaz se for equacionada numa perspectiva de promoção do desenvolvimento psicosexual em particular, inserido no contexto mais amplo do desenvolvimento psicológico global. Se o desenvolvimento psicosexual de qualquer Pessoa resulta da interacção desta com os outros, então todos os que se relacionam e interagem

com a Pessoa com Deficiência Mental (criança ou jovem), nos seus diferentes contextos de vida e de socialização, estão a fazer Educação Sexual.

Para além desta sua intenção holística, desenvolvimental e ecológica⁽¹⁾, este programa distingue-se de grande parte dos outros, por intervir junto de jovens com Deficiência Mental Moderada no início da Adolescência.

A opção por esta fase de desenvolvimento psicosssexual, a Pré-Adolescência, deve-se:

- à ocorrência das transformações corporais que acarretam, por sua vez, transformações psicológicas que estes jovens sentem mais dificuldade em perceber e, por vezes, em se adaptar.

- ao aumento do interesse e da curiosidade sexual, factor motivador de base para a aprendizagem para a participação dos alunos no programa⁽²⁾ e facilitador para a sua elaboração e implementação. Na verdade, estes jovens, como todos os outros, têm acesso, através dos media, a diferentes mensagens sobre o sexo e a sexualidade, só que, estas são percebidas, por vezes, numa forma confusa e distorcida, necessitando de ajuda para as descodificar e compreender. A sua excessiva credulidade nos fantasmas e ameaças que lhes são feitas, quando manifestam a sua curiosidade sexual, desencadeiam também um sentimento de angústia e medo que há que superar.

- Ao abandono do egocentrismo por parte destes Jovens com Deficiência Mental Moderada, nesta fase de desenvolvimento psicosssexual, (o que nem sempre se verifica em fases anteriores), mostrando-se, em termos de socialização, capazes de cooperar com os outros, factor fundamental para um programa de Educação Sexual centrado, quer em termos de concepção, quer em termos de intervenção numa perspectiva psicossocial e interactiva, do conhecimento de si próprio e do outro, abrangendo este conhecimento a dimensão física, emocional afectiva e relacional (social) de si e do outro enquanto ser sexuado e sexual.

1. 2. QUESTÕES DE INTERVENÇÃO

Como se procurou demonstrar a propósito das Questões de Concepção, a Educação Sexual informal ou implícita começa com a vida relacional e a sua eficácia, enquanto projecto de intervenção pedagógica estruturada e intencional. A Educação Sexual formal ou explícita passa pela promoção do desenvolvimento psicosssexual inserido no contexto mais amplo do desenvolvimento psicológico global.

Sendo o desenvolvimento psicosssexual da Pessoa com Deficiência Mental, como o de qualquer outra, um processo histórico resultante da interacção desta com os outros nos contextos de vida em que se desenvolve (Escola, Família, Colegas, Vizinhos, Comunidade em geral), então, todos os que com ela interagem, estão a fazer Educação Sexual e a influenciar (positiva ou negativamente) esse desenvolvimento. Há que intervir, por esse facto, de forma intencional sobre esses contextos, alterando a qualidade dessas interacções e/ou proporcionando o surgimento de outras novas. Tal pressupõe a elaboração e a implementação, o mais cedo possível, de projectos de intervenção de carácter formativo junto de Pais e Educadores (Professores e outras Pessoas significativas) que interagem com a Pessoa com Deficiência Mental.

A intervenção junto dos Pais com filhos com Deficiência Mental, quer tenha uma carácter psicoterapêutico, quer um carácter formativo, deverá ser empreendida o mais próximo possível do nascimento destes.

(1) Facilitadora da generalização e da transferência das aquisições efectuadas a outros contextos de vida que não o escolar.

(2) A frequência dos Alunos no Programa foi voluntária.

Assim, qualquer intervenção de carácter formativo projectada para estes Pais deverá priorizar uma mudança das atitudes, dos valores, das expectativas e das representações sociais em relação à Deficiência Mental, interiorizadas pelos Pais ao longo do seu desenvolvimento, a partir da sociedade de que fazem parte. Esta mudança é determinante para a sua acção educativa futura. Deverá ser-lhes proporcionada a oportunidade, quer de adquirirem alguns conhecimentos de base sobre o modo como se processa o desenvolvimento psicosssexual, quer de construírem novas referências, quer ainda de desenvolverem novas capacidades e competências que facilitem e melhorem o desempenho das tarefas educativas essenciais ao desenvolvimento normal dos seus filhos.

O breve destaque dado à intervenção de carácter formativo destinada a Pais com filhos com Deficiência Mental, quer recém nascidos, quer no início da Adolescência — de que se falará em seguida —, prende-se com o facto destes serem dois dos momentos em que os Pais vivenciam um maior sofrimento emocional, sentindo-se abandonados e desorientados na sua tarefa de Educar um filho para o qual não foram preparados ao longo da sua existência pela sociedade e cultura de que fazem parte.

Entre, e mesmo paralelamente, a estes dois momentos, deverão ocorrer mais intervenções de natureza formativa, versando este ou outros temas que o complementem, uma vez que são conhecidos os benefícios dos seus resultados. Na realidade, é hoje indiscutível o valor e a importância da cooperação activa e concertada entre o Professor (contexto escolar) e os Pais (contexto familiar) ao longo de todo o processo de aprendizagem e desenvolvimento do Aluno com Deficiência Mental.

O início da Adolescência de um grupo de Alunos com Deficiência Mental Moderada, mas principalmente a intenção de realizar um programa de Educação Sexual a eles destinado, deverá reforçar a necessidade de levar à cabo uma intervenção junto dos seus Pais.

Esta intervenção terá como objectivo prioritário evitar a resistência e a oposição por parte dos Pais aos conteúdos do Programa — por eventuais conflitos com os princípios, crenças, valores culturais e religiosos por eles professados e veiculados aos filhos —, e por outro envolvê-los no seu desenvolvimento e prossecução.

Aliás, antes ou durante a fase de elaboração do Programa será proveitoso efectuar um questionário⁽¹⁾ aos Pais, em que se incluam entre outras, as seguintes questões: Que tipo de conhecimentos pensa que o filho possui em relação à sexualidade?; Quais os comportamentos sexuais mais frequentes do filho?; Como reage habitualmente a esses comportamentos?; Quais as principais preocupações em relação à sexualidade do filho?; Que temas gostaria de ver abordados no Programa?

Os dados recolhidos contribuirão certamente para facilitar quer a elaboração do Programa, quer sobretudo a preparação do Projecto de Intervenção a desenvolver junto destes Pais.

Este projecto de intervenção deverá ter em conta as necessidades, os interesses, as preocupações e as expectativas expressas pelos Pais na selecção dos temas a abordar. Entre os temas seleccionados poder-se-ão encontrar alguns que não tenham sido directa ou indirectamente alvo de qualquer referência por parte deles, desde que a sua abordagem se torne relevante para alterar, melhorar ou inovar as suas interacções com o filho e portanto favoreça o seu desenvolvimento psicosssexual e a sua Educação Sexual. A título de exemplo poder-se-ão contemplar temas como: - "As diferentes expressões da sexualidade"; "As mudanças interiores e exteriores que ocorrem na Adolescência"; "A Comunicação Familiar"; "As atitudes parentais face aos comportamentos sexuais dos Filhos".

Como complemento deste Projecto de Intervenção de carácter formativo será importante dar a conhecer aos pais o conteúdo do Programa de Educação Sexual elaborado para os seus filhos.

Para implicar os pais na sua implementação, poder-se-á recorrer a diversos meios de informação sobre o modo como este se vai processando, tais como a ocorrência de reuniões regulares marcadas para o efeito ou a criação de um caderno, onde, numa forma simples e sucinta, se registará a actividade realizada em cada sessão do Programa.

(1) Ou outro meio alternativo de recolha de informações, se este se mostrar inaplicável a determinado tipo de Pais.

A opção pelo caderno de registo, como meio de ligação imediato e funcional entre Escola-Casa e vice-versa, poderá ter a vantagem não só de proporcionar o envolvimento dos Pais no desenvolvimento do Programa, facilitando a emergência de atitudes educativas consertadas e coerentes, mas também de melhorar a representação e o conhecimento que os Pais têm dos seus filhos, promovendo deste modo a sua auto-estima.

Um processo de intervenção idêntico deverá ser concebido para os Professores e Outras Pessoas Significativas⁽¹⁾ do contexto escolar, com as alterações óbvias que a especificidade da sua função e formação, assim como a avaliação prévia das suas necessidades de formação nesta área, a isso obrigarem.

Tal processo visará a tomada de consciência por parte dos Professores dos factores (crenças, valores culturais e religiosos) que influenciam as suas reacções face aos comportamentos afectivo-sexuais dos seus alunos, assim como a aquisição ou consolidação de conhecimentos essenciais sobre o processo de desenvolvimento psicossocial destes, com o objectivo de favorecer uma compreensão mais ampla e profunda da vida sexual dos seus alunos, enquadrando-a no seu contexto emocional, relacional e social.

Para atingir estes objectivos, poder-se-á recorrer a curtas exposições orais, referindo algumas informações básicas sobre os temas versados, procurando-se, contudo, usar preferencialmente uma metodologia activa, dinâmica, centrada na participação dos formandos, no seu trabalho em pequenos grupos. Poder-se-á utilizar meios audio-visuais e técnicas como: brainstorming, apresentação de casos, discussão de dilemas, debates de clarificação de valores, role-play...

Tal como se sugeriu para os Pais, também será útil aplicar aos Professores que trabalham directamente com os Alunos, participantes no programa, um questionário que contemple questões similares às formuladas aos Pais, mormente, sobre os comportamentos afectivo-sexuais dos alunos e sobre as expectativas em relação ao conteúdo do Programa.

As informações obtidas por este meio e, numa forma informal em contactos ocasionais ou em reuniões realizadas para o efeito, serão muito importantes para a elaboração do Programa. Todos estes professores deverão conhecer o seu conteúdo e acompanhar a sua implementação, quer através da escuta atenta do relato feito pelos Alunos, quer pela visualização dos cartazes afixados no placard, quer ainda pelas informações fornecidas pelo Monitor do Programa. A muitos deles poderá ser solicitada a colaboração na confecção de algum material e a outros a participação directa em algumas sessões. Todos poderão contribuir, através das suas atitudes concertadas e coerentes, para melhorar a sua eficácia.

Até aqui, falou-se da importância de intervir junto dos Pais e Professores que interagem com a Pessoa com Deficiência Mental, com o objectivo de facilitar o seu desenvolvimento psicossocial e a sua Educação Sexual. Mas há que intervir igualmente junto dos pares (dos colegas) uma vez que eles são uma das fontes de informação sexual mais influente e de identificação mais frequente nesta idade.

Por esse facto privilegiou-se, na concepção do Programa e na sua forma de intervenção, uma abordagem da Educação Sexual formal, baseada na perspectiva psicossocial e interactiva do conhecimento de si próprio e do outro, abrangendo esse conhecimento a dimensão física, emocional, afectiva e relacional (social) destes. Recorrer-se-á para tal, como se verá mais adiante, a uma metodologia participativa, dinâmica, centrada nos jovens, nas suas experiências e vivências...

Espera-se que com esta perspectiva ecológica de intervenção abrangendo os Pais, Professores e Pares, o programa "Agora que já não sou criança ..." contribua para que os jovens que nele participarem, fiquem a conhecer, mas também a usar melhor as suas potencialidades físicas, psico-afectivas e sociais, incluindo, como é óbvio, as que se relacionam com a sua sexualidade.

(1) Nesta designação estão abrangidos todos os profissionais de Educação com qualquer tipo de função docente ou auxiliar de apoio a esta, no Estabelecimento de Ensino Especial.

2. ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO PROGRAMA

2. 1. OBJECTIVOS GERAIS

Tendo como referência a perspectiva de Educação Sexual atrás mencionada, definiu-se como objectivo global e principal do programa o Desenvolvimento e a Educação Sexual dos Jovens (Pré-Adolescentes) com Deficiência Mental Moderada. Este objectivo global está operacionalizado em objectivos mais específicos, desenvolvidos ao longo de uma ou mais sessões, de acordo com a complexidade do seu conteúdo, a necessidade de envolvimento de várias áreas temáticas, mas sobretudo devido ao ritmo de aprendizagem, às limitações na compreensão e na retenção das informações e dos conhecimentos próprios da Deficiência Mental Moderada.

Atendendo ao seu conteúdo, estes objectivos estão agrupados em três grandes partes, abordando cada uma o seguinte:

Parte 1 – Eu e os Outros – Pretende desenvolver o conhecimento de si próprio e do outro, reconhecendo e aceitando a igualdade e a diferença existente entre si e os outros no que respeita quer às características físicas, quer às psicológicas: necessidades, desejos, sentimentos, atitudes e valores. Procura igualmente promover o conhecimento e o respeito pelas normas de segurança no relacionamento com os outros, assim como a capacidade de tomar decisões e de recusar comportamentos não desejados.

Parte 2 – O que muda quando crescemos – Propõe-se desenvolver o reconhecimento das principais diferenças anatómicas existentes entre os dois sexos, incentivando, além disso, o jovem a compreender que o seu corpo muda à medida que cresce (com especial enfoque nas mudanças características da puberdade) e que esse crescimento traz não só novas possibilidades e capacidades, mas também novas responsabilidades.

Parte 3 – O que gostava de saber sobre o sexo – Tenta, a partir da curiosidade sexual manifestada pelo jovem, promover a aquisição de conhecimentos elementares sobre a fecundação, a gravidez e o nascimento do ser humano, procurando, em simultâneo, favorecer a compreensão e o respeito pela importância dos afectos no relacionamento sexual.

2. 2. CONTEÚDOS E ACTIVIDADES

A selecção dos conteúdos e as actividades concebidas para os abordar obedecem, por sua vez, às características:

- Da Fase de Desenvolvimento Psicossocial — Pré-Adolescência —, escolhida para implementar o Programa. É habitual iniciarem-se nesta fase as modificações corporais pubertárias com as consequentes transformações psicológicas a elas associadas. Estas alterações corporais podem ser vivenciadas de formas muito diferentes, podendo os jovens evidenciar quer sentimentos

de vergonha e de inibição intensos, quer um super-investimento da imagem corporal, e uma desinibição total (com exibição em alguns casos das zonas mais íntimas do seu corpo).

Começam igualmente a surgir mudanças nas percepções que os rapazes e as raparigas têm de si mesmos e dos outros, assim como nas relações que estabelecem entre si e com os outros.

O interesse e a curiosidade sexual aumentam. O desejo e o prazer sexual estão, nesta fase, muito centrados na exploração do próprio corpo — masturbação.

Podem ocorrer jogos sexuais entre os jovens dos dois sexos ou entre jovens do mesmo sexo, sempre no sentido da descoberta, da comparação e da confirmação do modo como funciona o seu corpo e o do outro e de como se pode obter dele prazer.

A relação entre os dois sexos caracteriza-se, frequentemente, por um misto de hostilidade e de provocação (sedução).

Convém lembrar, no entanto, que dada a extensão, a diversidade e a heterogeneidade da população com Deficiência Mental Moderada, são de esperar entre estes jovens variações na presença destas características, assim como atrasos e avanços nas mesmas relativamente às normas etárias. Daí que, mais do que tomar por referência o nível etário dos Alunos, dever-se-à estar atento às suas necessidades, às suas inquietações, aos seus interesses e comportamentos nesta área.

- Do Nível de Deficiência Mental Moderada da população a quem se destina o Programa. É frequente os Jovens com este nível de Deficiência Mental terem dificuldades em expressar com clareza os seus pensamentos, sentimentos, desejos, medos e interesses, pelo menos foi o que se observou no grupo de referência⁽¹⁾ a quem foi aplicado o programa. Alguns deles, em particular aqueles que têm uma Paralisia Cerebral associada, podem não falar ou então terem graves problemas de articulação das palavras, o que torna as suas mensagens pouco compreensíveis.

Têm igualmente, no que respeita à compreensão, dificuldade na descodificação das mensagens abstractas e de conteúdo técnico-científico.

Têm também alterações nos ritmos de aprendizagem, no processamento e na retenção das aquisições, para além das dificuldades no seu processo de transferência e de generalização a diferentes contextos.

Tal como se afirmou a propósito do Desenvolvimento Psicossocial, é de esperar que os Jovens com este nível de Deficiência Mental possam apresentar atrasos mais acentuados numa área específica de desenvolvimento, por exemplo, motricidade ou comunicação, independentemente dos atrasos globais verificados em todas as outras áreas de desenvolvimento, pelo que se sugere uma avaliação prévia das necessidades e das capacidades de cada um.

2. 3. METODOLOGIA

Ao optar por uma metodologia activa, participativa, centrada nos Alunos, procura-se evitar os efeitos restritivos que teria o uso de uma metodologia expositiva junto de uma população com Deficiência Mental Moderada, em que são acentuadas, como já se referiu, as limitações na retenção, na generalização e na transferência dos conhecimentos transmitidos aos diferentes contextos.

Por esse facto, apela-se, sempre que possível, às vivências e aos conhecimentos dos Alunos, problematizando-os em situações concretas, incentivando-os a procurar soluções, acrescentando-

(1) Composto por três jovens do sexo masculino e três jovens do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, sendo todos portadores de uma Deficiência Mental Moderada, associada num caso a uma Deficiência Motora-Paralisia Cerebral.

-se para tal, sempre que necessário, novas informações. Proporcionar-se-lhes-ão experiências novas, desafiantes, de desempenho de papéis (representação de comportamentos, atitudes, sentimentos vários...) exemplificativos de situações reais, procurando desta forma que os Alunos identifiquem aqueles que na sua opinião estarão ou não correctos. Seguir-se-à uma reflexão orientada pelo Monitor no sentido de promover a articulação e a integração pessoal dessas experiências e vivências por parte do Aluno.

Para enfrentar as dificuldades de compreensão e de expressão recorre-se ao uso simultâneo da Comunicação Oral e dos Métodos de Comunicação Alternativos⁽¹⁾ (PIC e MAKATON). Independentemente das suas vantagens como meio de comunicação para os Jovens não falantes ou com graves problemas de articulação, reduzindo, só por si, sentimentos de frustração e de marginalização destes, os pictogramas dos Métodos de Comunicação Alternativos possibilitam, à generalidade dos Alunos, uma maior concretização da mensagem oral, uma maior concentração e evocação do seu conteúdo. Serão, por conseguinte, para todos, um instrumento privilegiado de comunicação, quer em termos de compreensão, quer sobretudo em termos de expressão, dado que as diminutas capacidades académicas destes jovens não permitem o recurso nem à leitura, nem à escrita e mesmo o seu desenho livre e temático mostra-se, em alguns casos, um meio de expressão pobre e pouco motivador para eles.

Tendo em conta as dificuldades já enunciadas anteriormente, em especial as de abstracção e descodificação de conteúdos técnico-científicos, empregar-se-à um vocabulário vulgar e eufemístico, familiar e conhecido do Aluno, associando-o aos termos científicos que se desejam introduzir, por exemplo, "pombinha" = vagina; "pila" = pénis.

Utilizar-se-á igualmente uma vasta gama de materiais (fichas, puzzles, jogos de identificação...) e técnicas (técnicas de incidentes provocados, modelagem⁽²⁾, simulação, recriação de situações, com experimentação e representação de comportamentos, atitudes e sentimentos ... no sentido de tornar mais atraente e motivadora, mais concreta e real a abordagem dos temas. Estas técnicas serão muito proveitosas, possibilitando aos jovens o confronto e a vivência de formas diferentes de pensar, sentir e agir.

Espera-se que com o simples facto do programa assentar numa metodologia dinâmica e incentivadora da participação dos Jovens, estes se tornem mais confiantes e autónomos, promovendo não só atitudes de escuta e aceitação das ideias, crenças e valores dos outros, mas também desenvolvam a capacidade de afirmação das suas. Espera-se, finalmente, que o Jovem se sinta mais capaz de procurar respostas e tomar decisões face aos desafios do seu crescimento.

O programa está organizado em sessões com a duração aproximada de 45 minutos cada.

Apesar de existir um objectivo definido por sessão, as limitações, já várias vezes referenciadas, do Jovem com Deficiência Mental Moderada⁽³⁾ obrigam, por vezes, a abordar um determinado objectivo em várias sessões, recorrendo-se, para potencializar a sua prossecução, a diferentes actividades, estratégias e materiais de apoio. Para estimular a capacidade de evocação do Jovem e reforçar a estrutura interrelacional e sequencial do programa, sugere-se que cada sessão se inicie com uma recapitulação do conteúdo da sessão anterior.

(1) Sistemas de símbolos gráficos correspondentes a conceitos.

(2) Aprendizagem através de Modelos.

(3) *Vd.* pág. 17, parágrafo referente às características do nível da Deficiência Mental Moderada.

3. GUIA DO PROGRAMA

PARTE I

EU E OS OUTROS

1. ESPELHO MEU, COMO SOU EU?

Objectivo:

Promover a auto-estima.

Actividade:

Entregar a um aluno de cada vez cartões representando pictograficamente adjectivos referentes a características pessoais: bonito(a), forte, amigo(a), simpático(a), alto(a).

Pedir-lhe que se coloque atrás de um espelho, fazendo de conta que é um "Espelho Mágico" que responde à pergunta "Espelho meu, como sou eu?" que irá ser formulada por um outro colega seu que nele se observa. Para tal, terá que escolher um dos cartões que representem pictograficamente características pessoais desse colega e oferecê-las.

Repetir a actividade até que todos os alunos tenham tido oportunidade de fazer de "Espelho Mágico" e de observador que o questiona.

Incentivar, no final da actividade, cada aluno a falar do que sentiu quando o Espelho Mágico lhe respondeu, isto é, lhe ofereceu os cartões que representavam características suas.

Material necessário:

Espelho, pictogramas de adjectivos relativos a características pessoais.

2. O MEU RETRATO

Objectivos:

Proporcionar a exploração da individualidade de cada um.

Actividade:

Pedir a cada aluno para se deitar em cima de uma folha de papel de cenário e a um outro colega para desenhar com um marcador o contorno do seu corpo e vice-versa.

Dizer-lhe para recortar o contorno e completá-lo, desenhando-se a si mesmo (podendo recorrer para tal a um espelho, se quiser).

Comparar os diferentes contornos, realçando a diferença entre eles e a individualidade de cada um.

Material necessário:

Papel de cenário, marcadores, tesoura, cola e espelho.

3. TODOS SOMOS DIFERENTES

Objectivo:

Reconhecer e aceitar que somos todos fisicamente diferentes uns dos outros.

Actividade:

Aos pares, convidar cada aluno a indicar pelo menos uma característica física em que o colega é diferente de si.

Trocar de pares e repetir a actividade pelo menos quatro vezes.

Se o aluno não for capaz de o fazer espontaneamente, sugerir-lhe, por exemplo:

- A altura
- A cor dos olhos
- A cor dos cabelos
- O tamanho das mãos ou do pé

Actividade complementar:

Registar as características físicas respeitantes a cada aluno num Bilhete de Identidade, a colocar junto do seu retrato realizado na sessão anterior.

Incentivar um aluno de cada vez a observar os diferentes Bilhetes de Identidade e a indicar pelo menos uma característica física em que é diferente dos colegas, levando posteriormente o grupo a reconhecer e a aceitar que somos todos fisicamente diferentes uns dos outros.

Material necessário:

Bilhete de Identidade (pedaço de cartolina com uma foto, semelhante ao exemplar em anexo), uma balança, uma fita métrica para fixar na parede, folhas de papel para o contorno da mão e do pé, uma régua para medir o comprimento do contorno,⁽¹⁾ marcadores.

(1) A leitura da medida far-se-á com a ajuda do Monitor. Como alternativa, poder-se-á efectuar o recorte dos contornos, sobrepô-los e levar os alunos por comparação a descobrir as suas diferenças.

4. O MEU EMBLEMA

Objectivo:

Aumentar o conhecimento de si próprio e a auto-estima.

Actividade:

Entregar a cada aluno um emblema em cartolina e dizer-lhe para pensar nas coisas que ele acha que faz melhor.

Sugerir que escolha uma para desenhar no seu emblema. Se preferir poderá, como alternativa, procurar na caixa de imagens ou nas revistas que tem na sala, uma imagem representativa dessa coisa que faz bem e colá-la no seu emblema.

Colocar o emblema na lapela e mostrá-lo aos restantes colegas.

Material necessário:

Cartolina (com um formato semelhante ao anexo), marcadores, tesouras, cola e alfinetes-de-ama.
Pictogramas, revistas de conteúdos diversos.

5. AS NOSSAS QUALIDADES

Objectivo:

Compreender e aceitar que somos física e psicologicamente diferentes uns dos outros.

Actividade:

Distribuir a cada aluno pictogramas de vários adjectivos e convidá-lo a escolher um que se refira a uma qualidade (maneira de ser) que goste em si mesmo e outro que se refira a uma qualidade que goste no colega ao lado.

Andar à volta do grupo (trabalhando no sentido dos ponteiros do relógio), de modo que todos possam participar.

Recolher e colocar no cartaz "As nossas Qualidades", as qualidades que cada aluno atribuiu a si mesmo e no emblema de cada aluno, as qualidades que lhe foram atribuídas.

Propor aos alunos que observem o cartaz, nomeando as diferentes qualidades que cada um atribuiu a si próprio. Passar de seguida para a observação dos emblemas, analisando a diferença entre eles, para a partir daí levar o grupo a concluir que somos todos física e psicologicamente diferentes uns dos outros.

Material necessário:

Pictogramas de adjetivos, cartolina e cola.

6. AQUILO DE QUE GOSTO MAIS ...

Objectivo:

Desenvolver a noção de individualidade e o conhecimento de si próprio.

Actividade:

Incentivar cada aluno a falar da comida, dos jogos de recreio, das actividades da sala de aula, dos programas de televisão de que gosta mais.

Dar a cada aluno a ficha "Aquilo de que gosto mais ..." e encorajá-lo a procurar em revistas e na sua caixa de imagens, imagens representativas daquilo que gosta mais.

Recortá-las e colá-las na ficha.

Expor todas as fichas no placard e encorajar os alunos a observarem e a respeitarem as diferenças existentes a nível dos gostos expressos por cada um deles.

Material necessário:

Ficha "Aquilo de que gosto mais...", revistas (TV Guias, TV Mais, Teleculinária), pictogramas (das diferentes actividades da sala de aula e do recreio), tesouras e cola.

7. O MODO COMO OS OUTROS ME VÊM

Objectivo:

Estimular o aluno a tomar consciência do modo como é socialmente percebido pelos outros.

Actividade:

Convidar cada aluno a referir o nome de duas pessoas que o conhecem muito bem e a imaginar o que elas diriam acerca dele, numa entrevista para a televisão.

Dramatizar a situação de entrevista na televisão, ajudando o aluno a tomar consciência do modo como imagina que os outros o vêem.

Material necessário:

Adereços para a dramatização.
Actividade complementar.

Actividade complementar:

Poder-se-á entregar a cada aluno o depoimento das suas entrevistas, para que ele os mostre às pessoas que escolheu para falar sobre si, descobrindo desse modo, se elas concordam ou não com as suas percepções.⁽¹⁾

8. O QUE EU ADMIRO NOS OUTROS

Objectivo:

Incentivar a análise e a apreciação das qualidades pessoais dos outros.

Actividade:

Propor a um aluno de cada vez (trabalhando no sentido dos ponteiros do relógio) que selecione um pictograma, a partir dos que tem na sua caixa, que transmita um sentimento positivo em relação ao colega do lado, tendo em conta as suas qualidades pessoais (o seu comportamento). Convidá-lo a oferecer o pictograma ao colega que o colará no seu emblema.

Material necessário:

Pictogramas de sentimentos e cola.

9. O MODO COMO VEJO OS OUTROS

Objectivo:

Promover a análise da percepção do modo como as pessoas se relacionam umas com as outras.

(1) Dado que toda a actividade se desenrola individualmente, é provável que se torne necessário recorrer a mais que uma sessão para a abordar, de acordo com o número de elementos do grupo e o ritmo de trabalho de cada um.

Actividade:

Projectar um extracto duma série televisiva ("O Justiceiro", no caso do grupo de referência, por ser a série mais popular e vista pelos alunos que o constituíam) e pedir-lhes que a partir do que viram, escolham e justifiquem porquê:

- O personagem de que gostaram mais
- O personagem de quem não gostaram
- O personagem em quem o herói não deverá confiar

Resumir as escolhas e analisar os argumentos apresentados.

Levar os alunos a procurar, agora já no seu universo relacional, alguém a quem possam recorrer se precisarem de ajuda, alguém a quem possam confiar os seus segredos.

Material necessário:

Televisão, videotape, registo em videocassette da série "O Justiceiro".

10. O QUE EU NECESSITO, O QUE EU DESEJO

Objectivo:

Reconhecer a diferença entre necessidades e desejos.

Actividade:

Entregar a cada aluno dois círculos em cartolina, um verde e outro vermelho e uma caixa com pictogramas.

Pedir-lhe que procure, na sua caixa, imagens de "coisas sem as quais ficamos doentes, não podemos viver" e as colem sobre o círculo vermelho e imagens de "coisas que desejamos ou gostamos de ter, mas podemos passar sem elas" e as colem sobre o círculo verde.

Elaborar um cartaz: "O que eu necessito, o que eu desejo", com base nas escolhas realizadas.

Analisar o cartaz e debater em grupo a diferença entre necessidades e desejos.

Material necessário:

Cartolina, cola, marcadores e pictogramas (PIC e Makaton).

11. AS COISAS IGUAIS E DIFERENTES QUE NECESSITAMOS E DESEJAMOS

Objectivo:

Proporcionar o reconhecimento e aceitação das semelhanças e das diferenças entre as pessoas, no que respeita à expressão de necessidades e desejos.

Actividade:

Dramatizar a visita de uma fada a quem cada aluno poderá formular dois pedidos:

- Uma coisa que necessita
- Uma coisa que deseja

A fada regista os pedidos numa estrela (desenhando a vermelho o pedido da coisa que o aluno necessita e a verde o da coisa que ele deseja), entregando-a de seguida.

Afixam-se todas as estrelas num placard, procurando-se a partir daí, incentivar os alunos a descobrir os pedidos que são iguais e os que são diferentes, quer em termos das necessidades, quer de desejos expressos pelos diferentes elementos do grupo.

Material necessário:

Adereços para a fada, cartolina (recortada em forma de estrela), marcadores e cola.

12. DO QUE GOSTO E DO QUE NÃO GOSTO

Objectivo:

Encorajar o aluno a tomar consciência do modo como se sentiu durante as suas experiências de aprendizagem.

Actividades:

Dar a cada aluno a ficha "Do que gosto e do que não gosto", dividida em duas colunas.

Pedir-lhe que procure na sua caixa o pictograma que simboliza "gostar" e que o cole no cimo da coluna da esquerda.

Completar a coluna com a colagem dos pictogramas de todas as actividades que gosta de fazer na escola.

Repetir todo o procedimento anterior para o preenchimento da coluna da direita, referente às actividades que o aluno não gosta de fazer na escola.

Convidar o aluno, uma vez preenchidas as colunas, a expressar porque gosta ou não duma actividade e o que é que sente quando está a realizá-la...

Material necessário:

Ficha "Do que gosto e do que não gosto", pictogramas e cola.

13. EU SOU UM SENTIMENTO

Objectivo:

Facilitar a expressão e a discriminação de diferentes sentimentos.

Actividade:

Distribuir a cada aluno um pictograma de um sentimento que terá que mimar para os restantes colegas, que por sua vez o tentarão identificar.

Repetir a tarefa até que sejam contemplados todos os alunos e identificados os sentimentos mimados.

Material necessário:

Pictogramas de sentimentos.

14. O QUE ME FAZ SENTIR...

Objectivo:

Incentivar o aluno a analisar as situações e coisas que o fazem sentir-se feliz ou infeliz, proporcionando-se-lhe posteriormente a oportunidade de constatar que diferentes pessoas sentem as situações e as coisas de maneira diferente.

Actividade:

Distribuir a cada aluno a ficha "O que me faz sentir..." e sugerir-lhe que seleccione, da sua caixa de imagens, coisas e situações que o fazem sentir feliz.

Repetir o mesmo procedimento para as coisas e situações que o fazem sentir triste/infeliz.

Propor ao aluno que cole as imagens seleccionadas nas respectivas colunas.

Expor todas as fichas no placard e encorajar os alunos a descobrirem que cada um - diferentes pessoas - sente as coisas e as situações de maneira diferente.

Material necessário:

Ficha "O que me faz sentir..." , pictogramas e cola.

15. O QUE EU SINTO ... QUANDO

Objectivo:

Favorecer no aluno a percepção e a aceitação que cada um de nós tem, quer de sentimentos positivos, quer negativos.

Actividade:

Entregar a cada aluno a ficha "O que eu sinto ... quando ..." em que estão representados, pictograficamente, dois sentimentos, um positivo (por exemplo, bonito, contente) e um outro negativo (triste, zangado).

Pedir-lhe que procure na sua caixa de imagens, imagens de coisas e situações que o fazem sentir assim e para as colar no local apropriado.

Afixar todas as fichas no placard, descobrir as diferenças entre elas, partindo daí para reflectir sobre os sentimentos positivos e negativos que todos temos.

Material necessário:

Fichas ⁽¹⁾ "O que sinto ... quando ...", pictogramas e cola.

16. ADIVINHA O QUE EU SINTO ...

Objectivo:

Identificar as diferentes formas como as pessoas manifestam e reagem aos sentimentos.

Actividade:

Dividir o grupo em dois subgrupos, em que, rotativamente, três realizam uma curta mímica: um aluno transmite aos outros dois que gosta ou não gosta deles e os outros dois reagem à mensagem que lhes é transmitida. O quarto aluno que assiste à mímica terá que adivinhar o que acabou de ver.

(1) A combinação de sentimentos positivos e negativos, pictograficamente representados, deverá ser diferente de ficha para ficha.

Por exemplo:

- Mímica para a situação "não gostar ...": bater ..., arranhar ..., empurrar ...
- Mímica para a situação "gostar...": sorrir ..., abraçar ..., olhar...

Partir dos sentimentos mimados e das diferentes percepções, reacções aos mesmos, para debater conjuntamente com o grupo as diferentes formas como as pessoas podem expressar e reagir aos sentimentos.

17. O QUE SINTO PELOS OUTROS

Objectivo:

Promover no aluno a capacidade de discriminar e atribuir sentimentos.

Actividade:

Pedir a um aluno de cada vez que pense na Pessoa de quem é mais amigo e seleccione da sua caixa uma imagem, que represente a amizade e a introduza num envelope, como se a fosse enviar à Pessoa de quem é mais amigo.

Repetir o mesmo procedimento para a Pessoa de quem o aluno gosta mais, de quem tem mais vergonha e de quem tem mais medo.

Convidar cada aluno a justificar o porquê de cada uma das suas escolhas⁽¹⁾, incentivando-o com a ajuda do grupo, a tomar consciência da diferença de sentimentos que tem para com diferentes Pessoas com as quais mantem diferentes tipos de relações interpessoais.

Material necessário:

Envelopes e pictogramas de sentimentos.⁽¹⁾

18. EU E O PERIGO

Objectivo:

Desenvolver no aluno a capacidade de identificar situações de perigo (risco) e de definir estratégias para lidar com elas.

(1) Perante o grupo, durante a justificação dos sentimentos atribuídos, nunca deverá ser revelada a identidade das Pessoas escolhidas, usando-se sempre a designação da "Pessoa do envelope da Amizade", do "Amor", da "Vergonha", do "Medo".

Actividade:

Dar a cada aluno uma ficha com imagens de diferentes objectos e situações que variam no seu grau de perigosidade (de "nada perigosas" a "muito perigosas") e dizer-lhe que rodeie com um círculo:

Verde - as imagens de coisas e situações que não representam qualquer perigo.

Amarelo - as imagens de coisas e situações que representam algum perigo.

Vermelho - as imagens de coisas e situações que representam muito perigo.

Expor todas as fichas no placard, e confrontar os alunos com os diferentes graus de perigosidade assinalados em cada uma delas e o modo como devemos lidar com as coisas e situações que oferecem risco de perigo ou sejam perigosas.

Material necessário:

Ficha "Eu e o perigo" e marcadores.

19. COMO ME MANTER EM SEGURANÇA

Objectivo:

Adquirir e respeitar normas de segurança pessoal no relacionamento com os outros.

Actividades:

Dramatizar em pequenos grupos de três elementos a seguinte situação:

Aluno A - Desconhecido que toca à porta.

Aluno B - Abre a porta sem identificar quem é.

Aluno C - Procura identificar quem está a tocar à porta e não a abre por não conhecer a pessoa que toca.

Convidar os alunos que assistiram à dramatização a votarem na reacção do aluno B ou na do C e a justificarem o seu voto.

Repetir o mesmo procedimento para as seguintes situações:

- Estranho que convida o aluno a ir com ele ao carro buscar chocolates para lhe oferecer.

- Vizinho que pede ao aluno que lhe esconda um embrulho e que o ameaça para não dizer a ninguém.

Resumir as diferentes votações com as respectivas justificações às reacções dramatizadas. Partir daí, para focalizar a necessidade de respeitar determinadas regras de segurança pessoal no relacionamento com os outros.

20. O QUE ME FAZ DECIDIR

Objectivo:

Desenvolver a capacidade de tomar decisões e de recusar comportamentos não desejados.

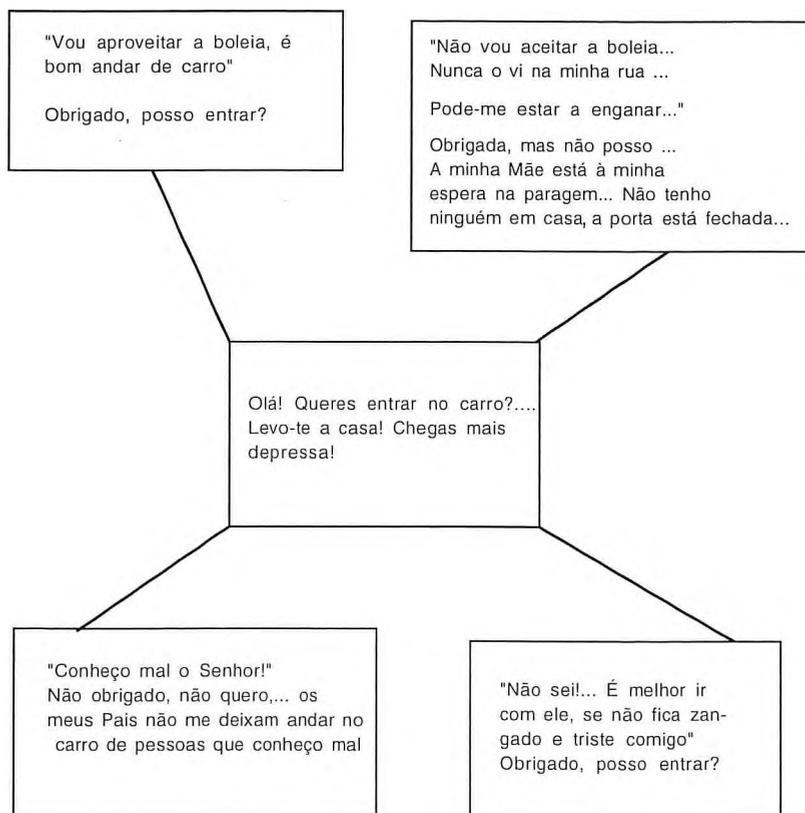
Actividade:

Dramatizar perante o grupo várias situações problemáticas com as possíveis soluções (comportamentos) alternativas às mesmas. Convidar um aluno de cada vez a decidir quanto ao comportamento a adoptar face à situação problemática dramatizada, partindo das consequências de cada um dos comportamentos alternativos (soluções) representados.

Exemplo

Situação problemática:

"Um senhor que só viu uma vez, no sapateiro, oferece-lhe boleia dizendo que assim chega mais depressa a casa..."



Partir das diferentes tomadas de decisão para levar o grupo a compreender que devemos pensar nas diferentes consequências dos nossos comportamentos, antes de decidirmos qual o comportamento a ter com o outro.

21. A QUEM POSSO PEDIR AJUDA

Objectivo:

Ser capaz de identificar e escolher pessoas significativas do seu universo relacional em quem pode confiar e pedir ajuda quando necessita.

Actividades:

Propor a cada aluno a realização de um caderno de endereços com a fotografia e o número de telefone das pessoas suas conhecidas em quem pode confiar (contar segredos... pedir ajuda quando está aflito).

Começar por incentivar o aluno a reflectir, para depois escolher das pessoas que conhece, aquelas em quem confia mais para, em seguida, elaborar com a ajuda do Monitor uma lista com o nome das pessoas escolhidas a quem pedirá uma fotografia e o número de telefone, para colocar posteriormente no seu caderno de endereços.

Material necessário:

Papel e esferográfica.

22. A QUEM POSSO PEDIR AJUDA

Objectivo:

Saber identificar e contactar pessoas, entidades do seu meio físico e social a quem poderá pedir ajuda.

Actividades:

Completar o preenchimento do caderno de endereços com a colagem de imagens simbólicas de entidades públicas do meio físico e social e respectivos números de telefone, a quem o aluno poderá pedir ajuda ou confiar quando estiver aflito.

A anteceder esta tarefa, o Monitor convidou os alunos a reflectirem e a seleccionarem da sua caixa de imagens, imagens representativas de pessoas que não vêem todos os dias, mas que existem no seu meio físico e social para os ajudarem sempre que precisam.

Seleccionadas as imagens e debatidas as razões da sua selecção, o Monitor procura na lista telefónica o respectivo número de telefone e dita-o aos alunos que o escreverão.

Material necessário:

Pictogramas, caderno de endereços, fotografias, cola, esferográfica e lista telefónica.

23. QUEM USA O QUÊ?

Objectivo:

Descobrir os objectos que são usados em comum e em separado por cada um dos sexos, para explorar em seguida o motivo de tal variação.

Actividade:

Procurar e recortar imagens de objectos que são usados pelas Mulheres e pelos Homens.
Colar as imagens recortadas na ficha "Quem usa o quê?"

Expor as fichas no placard, verificar com o grupo os objectos que são comuns e os que são característicos de cada um dos sexos, explorando as razões de tal facto.

Material necessário:

Catálogos de lingerie, bijouterie, acessórios de roupa exterior, para homens e mulheres, tesoura e cola.

24. QUEM BRINCA AO QUÊ?

Objectivo:

Reconhecer e respeitar as diferentes brincadeiras de cada um dos sexos, usando-as para promover comportamentos de igualdade e não de discriminação entre os sexos.

Actividade:

Entregar a cada aluno uma ficha em que estão representados jogos e actividades frequentes entre os rapazes e frequentes entre as raparigas.

Pedir-lhes que façam um círculo cor de rosa em volta das que são mais frequentes nas raparigas e um azul nas que são mais frequentes nos rapazes.

Afixar as fichas no placard, convidar os alunos a observarem-nas e a justificarem as diferentes escolhas assinaladas. Problematizar as justificações apresentadas, no

sentido de promover nos alunos atitudes de aceitação e não de discriminação entre os sexos.

Material necessário:

Ficha "Quem brinca ao quê" e marcadores.

25. QUEM FAZ O QUÊ

Objectivo:

Promover a análise e a reflexão sobre as razões das diferenças de tarefas realizadas pelos Homens e pelas Mulheres.

Actividade:

Partir da vivência familiar de cada aluno e pedir-lhe que faça uma colagem, na ficha "Quem faz o quê?" das tarefas realizadas em sua casa, pelo Pai e pela Mãe, recorrendo para tal, à sua caixa de imagens.

Expor as fichas no placard, solicitar aos alunos que observem e justifiquem as diferentes tarefas atribuídas ao Pai (Homem) e à Mãe (Mulher), procurando o Monitor a partir daí, problematizá-las de modo a que os alunos compreendam que são os valores sócio-culturais que definem a sua atribuição e não a inferioridade de um dos sexos.

Material necessário:

Ficha "Quem faz o quê?", cola e pictograma

Actividade complementar:

Confeccionar dois marcos do correio em cartolina, tendo cada um, colado numa das faces, o pictograma da Mulher e do Homem respectivamente.

Ler a um aluno de cada vez uma pequena mensagem, inscrita num cartão, correspondente a uma tarefa culturalmente mais realizada pelo Homem ou mais realizada pela Mulher e convidá-lo a atribuí-la ao Homem ou à Mulher, introduzindo-a no respectivo marco do correio.

Retirar os cartões do interior de cada marco do correio e colá-los no cartaz "Quem faz o quê?", colocando os atribuídos ao Homem na coluna da Esquerda por baixo do respectivo pictograma e os atribuídos à Mulher no lado oposto por baixo do seu pictograma.

Incentivar os Alunos a justificarem a atribuição do cartão a um ou a outro sexo à medida que o Monitor lê a mensagem exposta. Problematicar a justificação apresentada, de modo que os Alunos compreendam que são os valores sócio-culturais que definem a atribuição das tarefas e não a inferioridade de um dos sexos.

Material necessário:

Cartolina, marcador, Pictograma do Homem e da Mulher.

PARTE II

O QUE MUDA QUANDO CRESCEMOS

26. UM, DOIS, TRÊS... RESPONDE LÁ OUTRA VEZ

Objectivo:

Localizar e definir a função dos principais órgãos externos do corpo.

Actividade:

Pedir a um aluno, de cada vez, que aponte e diga para que servem as diferentes partes do seu corpo, nomeadas por um colega do grupo. Cada pedido deverá ser iniciado pela frase: "Um, dois, três... responde lá outra vez."

Cada elemento do grupo só poderá formular três pedidos, correspondentes às imagens das três partes do corpo de que dispõe, dentro de um envelope que lhe foi previamente entregue.

Os alunos não falantes terão a oportunidade de mostrar a respectiva imagem para formular o seu pedido.

Se o aluno errar três vezes consecutivas a localização ou a definição da função da mesma parte do corpo, poderá escolher um colega ou o Monitor para o ajudar a completar a prova.

O procedimento anterior deverá ser repetido até que todos os elementos do grupo tenham tido oportunidade quer de formular as perguntas, quer de lhes responder, procurando-se deste modo que os alunos adquiram conhecimentos sobre a localização e a função dos principais órgãos externos do seu corpo.

Material Necessário:

Envelopes e pictogramas dos diferentes órgãos externos do corpo.

27. PUZZLE DO CORPO HUMANO

Objectivo:

Localizar e relacionar as diferentes partes do corpo humano,

Actividade:

Entregar a cada aluno um envelope com pictogramas das diferentes partes do corpo humano identificadas na sessão anterior e pedir-lhe que as coloque e cole no contorno do corpo, no seu respectivo local.

Material necessário:

Ficha com o contorno do corpo, pictogramas das diferentes partes do corpo e cola.

28. O NOSSO CORPO POR DENTRO

Objectivo:

Conhecer elementarmente o nome, forma, localização e função dos principais órgãos internos do nosso corpo.

Actividade:

Observar, em grande grupo, livros e transparências do interior do nosso corpo, salientando-se as formas, o local e a função dos seus principais órgãos internos.

Afixar no placard imagens coloridas de cada um desses órgãos.

Distribuir a cada aluno a ficha "O nosso corpo por dentro", pedindo-lhe que a preencha, respeitando o código de cores atribuído às imagens dos órgãos internos expostos no placard.

Colocar as fichas preenchidas num outro placard, incentivar os alunos a observarem as semelhanças entre elas e a relembrem os conhecimentos elementares adquiridos relativamente ao nome, local e função dos principais órgãos internos do nosso corpo nelas representados.

Material necessário:

Livros sobre o corpo humano, retroprojector, ficha "O nosso corpo por dentro" e marcadores.

29. O CORPO FEMININO E O CORPO MASCULINO POR FORA

Objectivo:

Reconhecer, localizar e nomear adequadamente as principais diferenças anatómicas existentes entre o corpo feminino e o corpo masculino.

Actividade:

Entregar a cada aluno peças de um puzzle, correspondente às diferenças anatómicas entre os dois sexos, assim como ao contorno de um corpo feminino e de um corpo masculino.

Dizer a cada aluno que coloque no local apropriado as peças dos órgãos pertencentes ao corpo feminino e ao corpo masculino.

Partir do puzzle montado para ajudar o aluno a descrever o corpo humano, reconhecendo e nomeando adequadamente as principais diferenças corporais entre o homem e a mulher.

Material necessário:

Puzzle das diferenças anatómicas.

30. O CORPO FEMININO E O CORPO MASCULINO POR DENTRO

Objectivo:

Perceber elementarmente os componentes essenciais do aparelho reprodutor feminino e masculino, suas diferenças e respectivas funções.

Actividade:

Projectar, para o grande grupo, uma transparência com os componentes essenciais do aparelho reprodutor feminino e outra com os do masculino, referindo em simultâneo, e numa linguagem simples, o nome e a função de cada um deles.

Acrescentar as informações essenciais para a compreensão da Menstruação, Ereção e Ejaculação.

Distribuir a cada aluno a ficha "O corpo feminino e o corpo masculino por dentro" e a ficha com os componentes essenciais do aparelho reprodutor feminino e masculino, propondo-lhe que recorte desta última o aparelho reprodutor feminino e o masculino e o cole no respectivo local do corpo a que pertence, na primeira ficha.

Expor as fichas "O corpo feminino e o corpo masculino por dentro" preenchidas no placard, levar os alunos a observarem as diferenças entre o aparelho reprodutor feminino e o masculino, lembrando a importância que as mesmas têm na Menstruação, Ereção e Ejaculação.

Material necessário:

Retroprojector, ficha "O corpo feminino e o corpo masculino por dentro", ficha com componentes essenciais do aparelho reprodutor feminino e masculino, tesouras e cola.

31. ADIVINHA QUEM É ?

Objectivo:

Favorecer no aluno a compreensão de que o crescimento nos traz não só a possibilidade de fazer coisas novas, como também novas responsabilidades.

Actividade:

Pedir aos alunos que tragam fotografias suas, de quando eram bebés ou mais pequenos. O Monitor poderá também trazer fotografias suas, assim como pedir aos outros Professores que tragam também⁽¹⁾.

Misturam-se as fotografias e distribuem-se ao acaso a cada aluno, que por sua vez deverá identificar o colega ou o professor a quem pertencem.

Colocam-se as fotografias representativas duma determinada idade, já identificadas, no placard e pergunta-se em relação a cada uma delas:

- O que é que se pode fazer com essa idade?
- De que é que se pode ser responsável com essa idade?
- Agora o que é que (nome da pessoa...) pode fazer?
- Agora de que é que (nome da pessoa...) pode ser responsável?

Resumir as respostas dadas e conduzir o debate entre os alunos de modo a que estes percebam que o crescimento traz não só a possibilidade de fazer coisas novas, mas também responsabilidades novas.

Material necessário:

Fotografias.

32. A QUEM PERTENCE?

Objectivo:

Ser capaz de reconhecer as capacidades e as responsabilidades que têm as pessoas ao longo do seu crescimento, em diferentes idades.

Actividade:

Entregar a cada aluno uma ficha "A quem pertence" e um envelope com pictogramas de objectos, actividades, acções, brinquedos, vestuário, utensílios...

(1) Dada a provável proveniência sócio-económica de alguns alunos, supõe-se que não terão as fotografias desejadas, daí esta alternativa.

Pedir-lhe que seleccione, dos pictogramas que lhe foram entregues, objectos, actividades, acções, brinquedos, peças do vestuário, utensílios... que são característicos de pessoas com diferentes idades: Bêbé (com menos de 1 ano); Rapaz/Rapariga (com 13 anos); Homem/Mulher (com mais de 30 anos), representados na ficha "A quem pertence" e que os cole no respectivo local.

Afixar as fichas no placard, convidar os alunos a observarem-nas e a descobrirem que a diferentes idades correspondem diferentes capacidades e responsabilidades...

Material necessário:

Ficha "A quem pertence?", envelopes, pictogramas e cola.

33. PARA QUEM É?

Objectivo:

Estimular os alunos a tomar consciência de que as responsabilidades, as possibilidades e as capacidades mudam com a idade.

Actividade:

Entregar a cada aluno três cartões que representam três fases diferentes do crescimento (três faixas etárias diferentes): um com um Bêbé (com menos de um ano), outro com um Rapaz e uma Rapariga (com 13 anos) e outro com um Homem e uma Mulher (com mais de 30 anos).

Pedir a um aluno de cada vez, que levante o cartão que representa a pessoa com a idade, em que se pode, em que se é capaz ou em que se deve fazer determinada actividade que o Monitor enuncia.

Convidar o aluno a justificar a razão da sua escolha e incentivar o grupo a debatê-la, promovendo a partir daí a consciencialização de que o crescimento não acarreta só novas possibilidades e capacidades, mas também novas responsabilidades, isto é, que a diferentes idades correspondem diferentes capacidades, possibilidades e responsabilidades.

Material necessário:

Cartões com imagens do Bêbé, do Rapaz e da Rapariga, do Homem e da Mulher, lista com um inventário das actividades correspondentes às possibilidades, às capacidades e às responsabilidades características das diferentes faixas etárias.

34. UM DIA EM FAMÍLIA

Objectivo:

Identificar e compreender a influência da idade na determinação das responsabilidades e dos papéis de cada membro da família, incluindo o próprio aluno.

Actividade:

Distribuir a cada aluno uma ficha com o título "Um dia em Família".

Pedir-lhe que cole na margem esquerda a sua fotografia, bem como as do Pai, da Mãe, Irmão/ã.⁽¹⁾

Convidá-lo seguidamente a procurar, na sua caixa de imagens, os pictogramas correspondentes às actividades e às responsabilidades exercidas durante o dia por cada um dos membros da Família representados e colá-los junto da respectiva fotografia.

Colocar as fichas no placard e incentivar os alunos a descobrirem as actividades e as responsabilidades que são comuns a todos eles e aos principais membros das suas famílias (Pai, Mãe Irmão/ã), procurando o Monitor, a partir daí, realçar a influência da idade na determinação das mesmas.

Material necessário:

Ficha "Um dia em Família" fotografias, imagens de sistemas alternativos de comunicação e cola.

35. OS NOSSOS MOMENTOS FELIZES...

Objectivo:

Compreender as diferenças e as semelhanças nas mudanças ocorridas na vida das pessoas e recordá-las.

Actividade:

Pedir previamente aos alunos para trazerem fotografias suas que lhes recordem momentos felizes (p. ex., festas de anos, comunhões, casamentos de Familiares) ocorridos fora da Escola.

Dividir o grupo em pares e entregar a cada par um album de fotografias de acontecimentos e festas ocorridas na Escola e dizer-lhes para escolherem aquelas que lhes recordam os momentos mais felizes.

(1) E/ou outros elementos do agregado familiar se com ele coabitarem.

Rodar os albuns pelos diferentes pares, permitindo assim aos alunos recordar o maior número possível de acontecimentos dos últimos quatro anos.

Recolher e colar, por ordem cronológica, as fotografias trazidas e escolhidas na sessão pelos vários alunos, num cartaz com o título "Os nossos momentos felizes...".

Estimular os alunos a falarem dos acontecimentos recordados, a observarem e a compreenderem as semelhanças e as diferenças das mudanças (sobretudo no aspecto físico), documentadas pelas fotografias.

Material necessário:

Album de fotografias, cola e cartolina.

36. O CORPO A CRESCER

Objectivo:

Perceber as mudanças que ocorrem no corpo à medida que se cresce.

Actividade:

Construir três cartões, correspondentes a três momentos distintos do processo de crescimento. Dar a cada aluno três cartões iguais, referentes a um desses momentos.

Subdividir o grupo em dois subgrupos.

Pedir a cada aluno que organize o modo como o corpo cresce, ao longo do tempo, negociando para tal a troca de todos os cartões repetidos com os colegas.

Levar os alunos a compararem o modo como foram organizados os cartões, partindo-se daí para a análise e compreensão das mudanças ocorridas ao longo do processo de crescimento.

Material necessário:

Cartões referentes ao processo de crescimento.

37. O MEU CORPO AGORA

Objectivo:

Compreender as mudanças que ocorrem na puberdade, quer a nível interno, quer a nível externo.

Actividade:

Recorrer aos cartões da sessão "O corpo a crescer", distribuir a cada aluno uma série completa e solicitar que escolha aquele a partir do qual se deixa de ser criança.

Colocar os cartões excluídos numa caixa, que se encontra no meio da mesa. Encorajar os alunos a observarem e a descreverem atentamente os cartões escolhidos, ajudando-os a analisarem e a compreenderem as características encontradas, quer no corpo feminino, quer no corpo masculino.

Projectar de novo a transparência da sessão "O corpo feminino e o corpo masculino por dentro" e relembrar o que se passa a nível do aparelho reprodutor feminino e masculino, e, sobretudo, as informações transmitidas em relação à Menstruação, à Ereção e à Ejaculação.

Material necessário:

Retroprojector, transparência do aparelho reprodutor Feminino e Masculino e os cartões referentes ao processo de crescimento.

38. CUIDAR DO MEU CORPO

Objectivo:

Criar gosto por manter o corpo cuidado.

Actividade:

Mimar, perante um júri de três alunos, o modo como um corpo se sente: quando come bem, quando come mal, quando anda mal agasalhado (com pouca roupa), quando é preguiçoso e não se lava com cuidado todos os dias, quando tomou um banho depois de ter transpirado muito, quando acordou com um cheiro esquisito e não teve tempo para se lavar, quando sujou a roupa na jardinagem e não tem outra para mudar, quando transpirou muito e cheira a suor, quando dormiu pouco... etc.

Avaliar, com a ajuda do Júri, quando é que o corpo:

- se sente mais feliz
- sente vergonha dos outros
- gosta de estar junto dos outros
- os outros não gostam de estar junto dele

Repetir este procedimento até que todos os alunos tenham a oportunidade de participar, quer na mímica, quer no júri que a aprecia.

Aproveitar a apreciação do Júri para reflectir, em conjunto, sobre a importância dos cuidados a ter com o nosso corpo, realçando sobretudo os cuidados de higiene acrescidos nos jovens da sua idade.

Actividade complementar:

Entregar a cada aluno a ficha "Cuidar do meu corpo", em que está representada apenas a imagem duma torneira. Pedir-lhe que a complete, desenhando, não só a água, mas também colando, por baixo da mesma, as imagens, previamente seleccionadas da sua caixa de pictogramas, correspondentes às partes do seu corpo que lava diariamente, uma ou mais vezes.

Expor as fichas no placard. Propor aos alunos que as observem, descubram as semelhanças e as diferenças nas suas escolhas, justificando-as. Partindo daí, o Monitor abordará a importância de ter determinados cuidados de higiene com o corpo, sobretudo entre os jovens da idade do aluno.

Material necessário:

Pictogramas, marcadores, cola, ficha "Cuidar do meu corpo"

39. O QUE AJUDA O MEU CORPO A SENTIR-SE BEM

Objectivo:

Reconhecer os artigos de higiene que são importantes para a higiene e bem-estar do corpo.

Actividade:

Num local visível para todo o grupo, colocar num tabuleiro os artigos de higiene que podem contribuir para a higiene e bem-estar do corpo.

Convidar um aluno de cada vez a tapar os olhos, enquanto o outro vai ao tabuleiro buscar um artigo e o esconde num saco. Quando terminar esta tarefa, pede-se ao aluno que tapou os olhos, que olhe para o tabuleiro e descubra qual foi o artigo que o colega escondeu. Os restantes elementos do grupo e o Monitor podem dar pistas que facilitem a tarefa da descoberta.

A actividade termina quando todos os artigos de higiene tiverem sido identificados, o que implicará a participação de cada elemento do grupo mais do que uma vez na realização das diferentes tarefas.

O Monitor deverá aproveitar a descoberta do artigo escondido e as pistas dadas para a facilitar, para abordar a sua importância na higiene e bem-estar do corpo.

Material necessário:

Tabuleiro ou caixa, saco, artigos de higiene.

PARTE III

O QUE GOSTAVA DE SABER SOBRE O SEXO

.

40. QUE SENTEM ELES, UM PELO OUTRO?

Objectivo:

Conhecer e aprofundar os sentimentos dos alunos em relação a expressões de atracção.

Actividade:

Convidar os alunos a visualizarem, em registo de video, curtos *sketches* em que as pessoas mostram, de modos diferentes ou com intensidade diferente, que se sentem atraídas (apaixonadas) umas pelas outras.

Partir das diferentes interpretações dos alunos em relação aos *sketches* visualizados, para analisar os diferentes modos como as pessoas manifestam que se sentem atraídas (apaixonadas) umas em relação às outras.

Material necessário:

Televisão, videotape e cassetes de video com os *sketches*.

Sketches dramatizados:

- . Um casal a acenar um ao outro
- . Um casal a atirar beijos um ao outro
- . Uma jovem a confortar um jovem triste
- . Uma jovem a procurar tocar na mão de um jovem
- . Um casal sorri ternamente um para o outro
- . Uma jovem faz cócegas a um jovem
- . Um jovem pisca o olho a uma jovem num café
- . Uma jovem acaricia um jovem e vice-versa
- . Um casal falando das saudades que têm sentido um do outro
- . Um casal a beijar-se apaixonadamente, enquanto dança
- . Um casal a abraçar-se apaixonadamente, ao encontrar-se na rua
- . Um casal a comer à luz das velas
- . Um apaixonado faz uma serenata à sua amada
- . Um casal a trocar intensamente olhares, num café
- . Um jovem belisca uma jovem

41. O RESPEITO PELA VONTADE DOS OUTROS

Objectivo:

Reconhecer e respeitar a vontade dos outros quando lhes expressamos o nosso afecto.

Actividade:

Convidar o grupo a assistir à dramatização, realizada por um par, de curtos *sketches* de situações ocorridas ou não no contexto escolar, em que um dos elementos desse par expressa ao outro o seu afecto, nem sempre respeitando a sua vontade.

Entregar a cada aluno dois cartões: um verde e um vermelho.

Pedir a cada aluno, rotativamente, que, após cada *sketch* dramatizado, mostre o cartão verde sempre que o elemento do par que primeiro expressou afecto, o fez de acordo com ou respeitando a vontade do outro, e o cartão vermelho sempre que um dos elementos do par tentou impor ou não respeitou a vontade do outro, ao expressar o seu afecto.

Estimular o aluno a pronunciar-se sobre os motivos que o levaram a mostrar o cartão verde ou o vermelho. Solicitar a opinião do grupo em relação aos argumentos apresentados pelo colega, aproveitando-se a oportunidade para focar a importância de reconhecer e respeitar a vontade dos outros quando lhes expressamos o nosso afecto.

Material necessário:

Cartões em cartolina vermelha e verde.

42. EU E O MEU CORPO

Objectivo:

Esclarecer dúvidas e proporcionar informações aos alunos acerca da masturbação.

Actividade:

Dar a cada aluno a ficha "Eu e o meu corpo" (corpo feminino) ou a ficha "Eu e o meu corpo" (corpo masculino) de acordo com o seu sexo e convidá-lo a pintar de vermelho as partes deste que não gosta de acariciar em frente das outras pessoas.

Colocar as fichas no placard. Levar o grupo a observá-las e a justificar a escolha das partes do corpo assinaladas, aproveitando o Monitor a oportunidade para esclarecer dúvidas e incorrecções, acrescentando as informações que lhe pareçam necessárias sobre a masturbação e sobre a importância de evitar que esta ocorra em público.

Material necessário:

Fichas "Eu e o meu corpo" (corpo feminino) e "Eu e o meu corpo" (corpo masculino) e marcadores.

43. QUE SABEMOS DO CORPO UNS DOS OUTROS

Objectivo:

Relembrar os conhecimentos adquiridos sobre as principais diferenças anatómicas entre o corpo feminino e o corpo masculino, para de seguida ajudar o aluno a compreender a sua importância na actividade sexual.

Actividade:

Projectar para o grande grupo uma transparência de um corpo feminino e de um corpo masculino nus.

Pedir aos alunos que apontem e nomeiem as diferenças anatómicas existentes entre os dois sexos.

Partir das diferenças referidas pelos alunos, para abordar a sua função na actividade sexual.

Material necessário:

Retroprojector e transparências.

44. QUE TEM O AMOR A VER COM O SEXO?

Objectivo:

Favorecer o enquadramento da relação sexual num relacionamento amoroso.

Actividade

Projectar para o grande grupo, sobre a forma de transparências, duas imagens exemplificativas de dois *sketches* da sessão "Que sentem eles, um pelo outro", interpretados pela totalidade dos alunos como expressando Amor e Paixão.

Prosseguir a projecção com uma outra transparência, com uma imagem sugestiva da prática de uma relação sexual entre um casal.

Convidar, durante a projecção de cada uma das transparências, os alunos a interpretar o que estão a visualizar, partindo-se daí, para a abordagem da relação sexual no contexto de um relacionamento amoroso.

Material necessário:

Retroprojector e transparências.

Actividades complementares:

Projectar um extracto do videograma "Ah, então é assim?!", em especial a parte referente à actividade sexual.

Material necessário:

Televisão, videotape e videograma "Ah, então é assim?!" da A.P.F..

45. COMO APARECEMOS NA BARRIGA DA MÃE?

Objectivo:

Adquirir conhecimentos essenciais sobre a forma como os seres humanos se reproduzem.

Actividade:

Descrever numa forma simples e acessível o modo como se processa a reprodução nos seres humanos, sublinhando a importância do desejo e da responsabilidade na concepção dos bebés.

Projectar em paralelo diapositivos e transparências que documentem a informação transmitida.

Material necessário:

Retroprojector, projector de slides, slides e transparências.

Actividade complementar:

Projectar um extracto do videograma "Ah, então é assim?!" referente à concepção.

Material necessário:

Televisão, videotape e videograma "Ah, então é assim?!" da A.P.F..

46. COMO CRESCEMOS NA BARRIGA DA MÃE?

Objectivo:

Adquirir conhecimentos essenciais sobre a forma como evolui a gravidez.

Actividade:

Descrever duma forma simples e acessível as fases mais importantes da gravidez.
Projectar em paralelo diapositivos e transparências que documentem a informação transmitida.
Sugerir a cada aluno que desenhe como era quando andava na barriga da Mãe.

Material necessário:

Retroprojector, projector de slides, slides e transparências referentes às fases mais importantes da gravidez. Marcadores e papel.

Actividade complementar:

Projectar um extracto do videograma "Ah, então é assim?!" referente à gravidez.

Material necessário:

"Ah, então é assim?!" videograma da A.P.F, videotape e televisão.

47. COMO NASCEMOS?

Objectivo:

Adquirir conhecimentos essenciais sobre o parto nos seres humanos.

Actividade:

Descrever de uma forma simples e acessível o modo como nascemos, realçando a componente física e emocional desse momento.
Acompanhar a descrição com a projecção de slides e transparências que a documentem.

Recursos necessários:

Projector de slides, retroprojector, transparências e slides referentes ao parto.

Actividade complementar:

Projectar um extracto do videograma "Ah, então é assim?!" a partir da concepção até ao parto inclusive.

Material necessário:

Televisão, videotape e videograma "Ah, então é assim?!" da A.P.F..

4. MATERIAIS DE APOIO

A escassez, praticamente a inexistência de materiais de apoio destinados à Educação Sexual de Jovens com Deficiência Mental, obrigou à adaptação de alguns já existentes para jovens ditos normais, ou na maioria das situações à sua criação. Na selecção, adaptação e criação destes materiais foram tidos em conta não apenas os interesses e as necessidades características dos jovens no início da Adolescência, bem como as limitações inerentes à sua Deficiência Mental, mas também a relevância, a funcionalidade e a familiaridade destes para os alunos. Procurou-se que as imagens e os pictogramas utilizados fossem o mais representativos possível dos objectos, pessoas e situações reais, evitando-se o uso de imagens estilizadas ou banda desenhada, por serem pouco familiares e compreensivas para a maioria destes jovens.

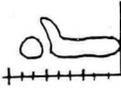
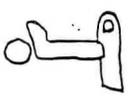
Tentou-se que os materiais fossem diversificados e atraentes (fichas, jogos de identificação, puzzles, videogramas...etc), embora a falta de suporte económico tenha inviabilizado o recurso ao serviço de profissionais especializados que os tornariam, certamente, mais atraentes...

A maioria das fichas aqui apresentadas correspondem a uma fotocópia reduzida à dimensão A4 da ficha original de dimensão A3, o que provocou um perda da nitidez e do contraste em relação à imagem original, o mesmo acontecendo com as fotocópias das transparências originais.

Procurou-se evitar, quer em termos de linguagem, quer em termos de materiais (imagens), mensagens implícitas e reforçadoras de determinados esteriótipos, crenças, valores e mitos ligados ao sexo e à sexualidade, tais como, o da beleza física, da perfeição e da inteligência, o do sexo como uma actividade exclusivamente reprodutiva, o da dicotomização de papéis psico-socio-sexuais.

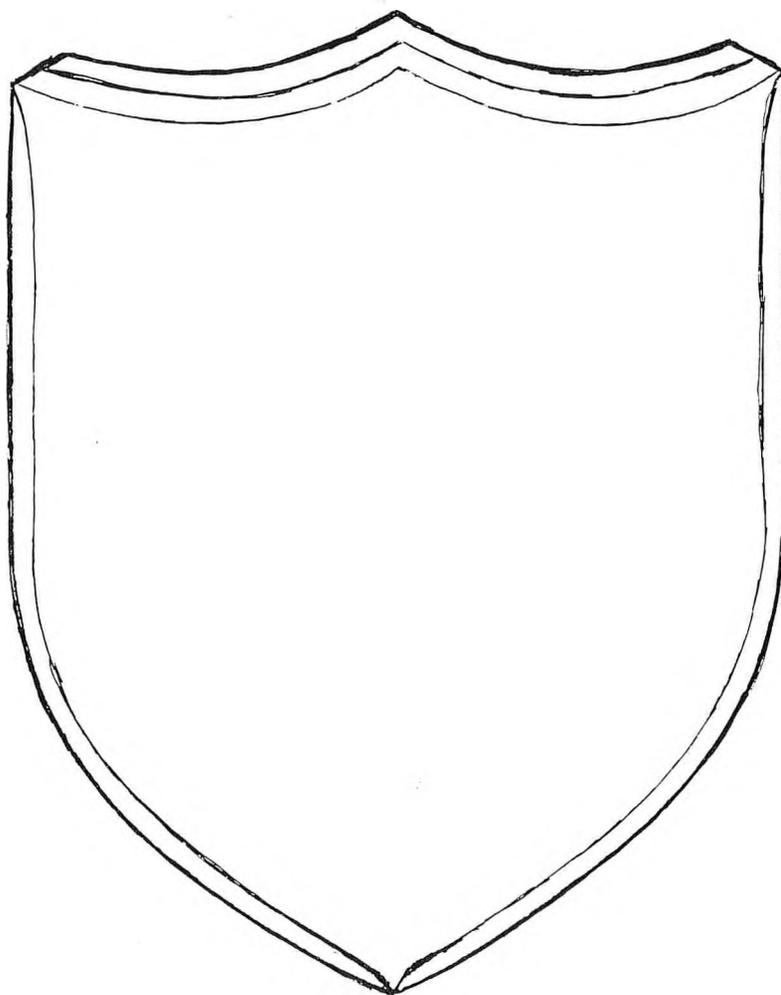
Sugere-se, para terminar, que alguns dos materiais de apoio agora apresentados e aferidos durante a implementação do programa, não obstante a pertinência e a permanência do seu conteúdo, sejam regularmente actualizados em termos de forma.

TODOS SOMOS DIFERENTES

  	  	<p>BILHETE DE IDENTIDADE</p>	<p>Foto</p>	<p>Nome</p>
---	---	--------------------------------------	-------------	-------------

recortar e colar em cartão

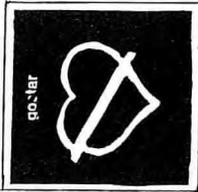
O MEU EMBLEMA



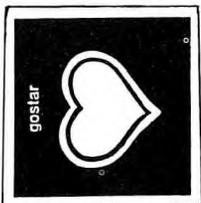
recortar e colar em cartão

AQUILO DE QUE GOSTO MAIS

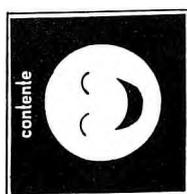
DO QUE NÃO GOSTO



DO QUE GOSTO

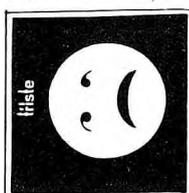


O QUE ME FAZ SENTIR ...



FELIZ

INFELIZ

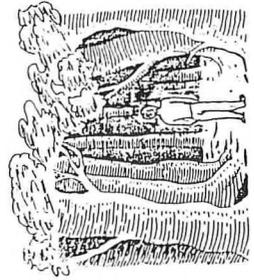
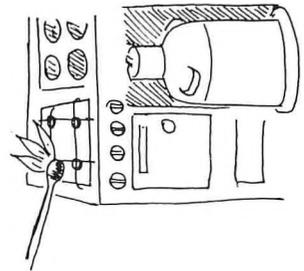
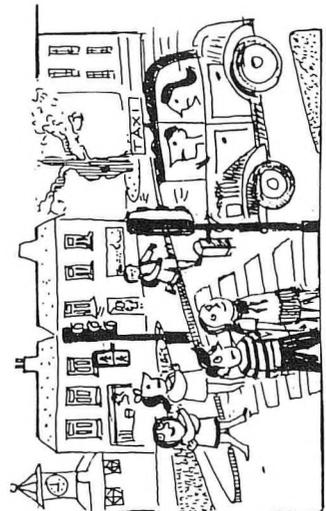
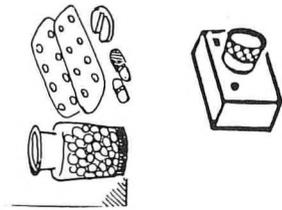
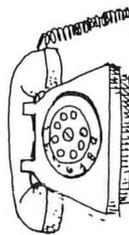
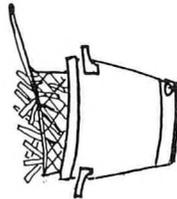
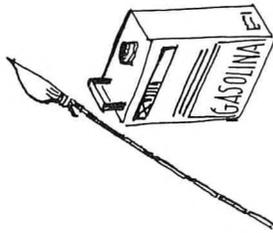
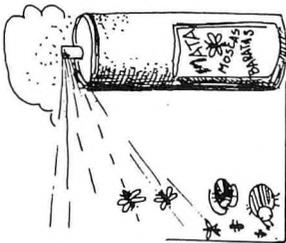
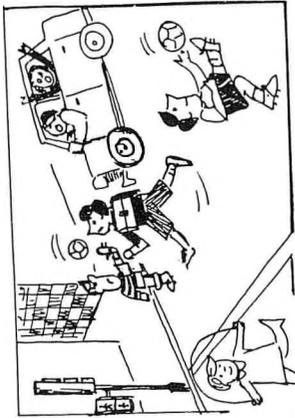


O QUE EU SINTO...

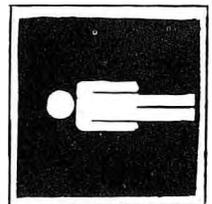
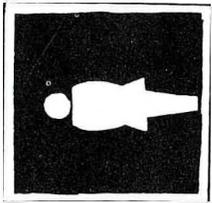
QUANDO...



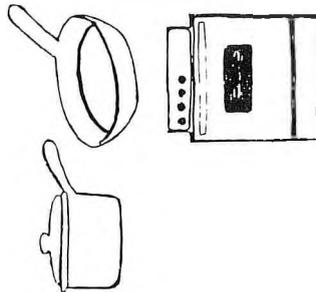
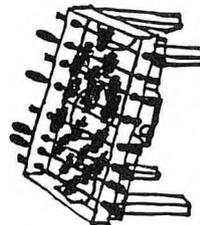
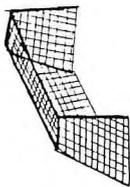
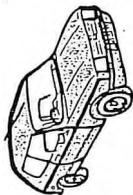
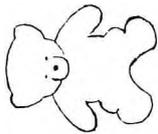
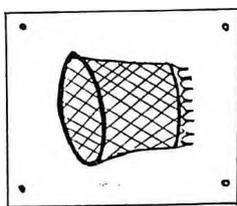
EU E O PERIGO



QUEM USA O QUÊ ?



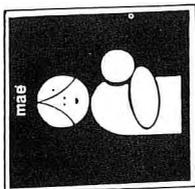
QUEM BRINCA AO QUÊ ?





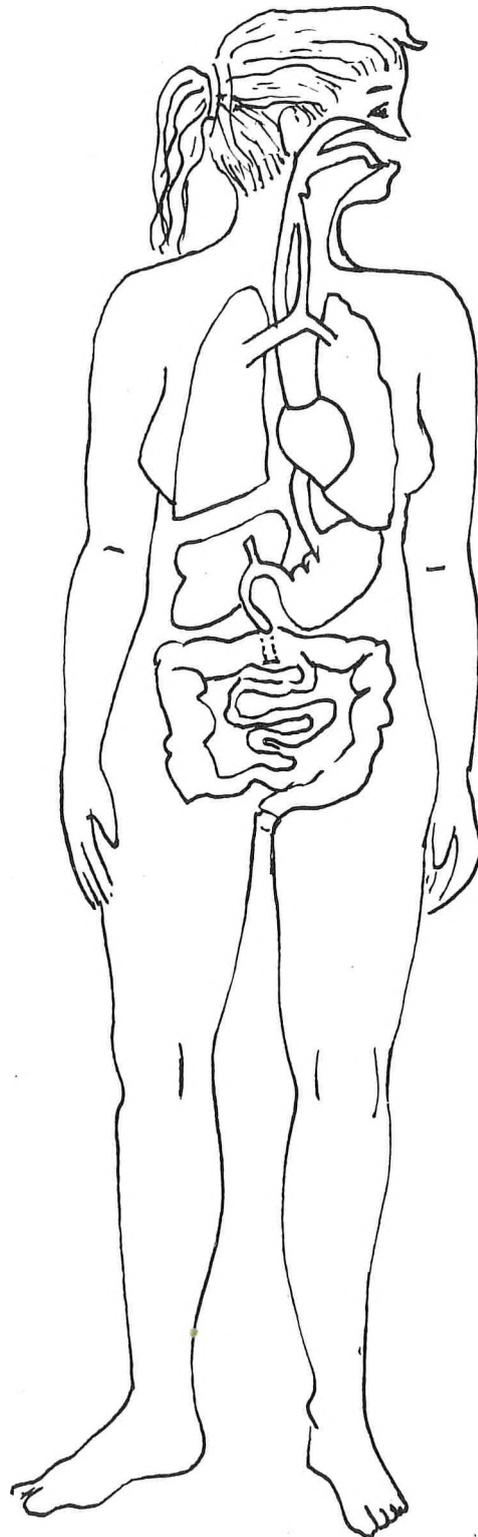
PAI

QUEM FAZ O QUÊ ?

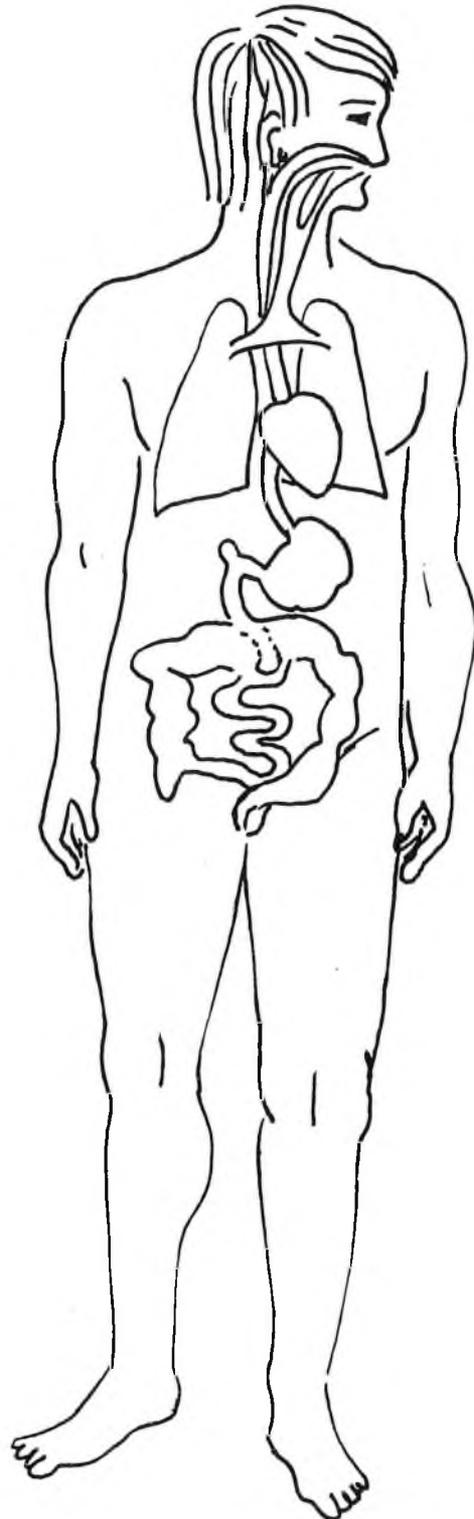


MÃE

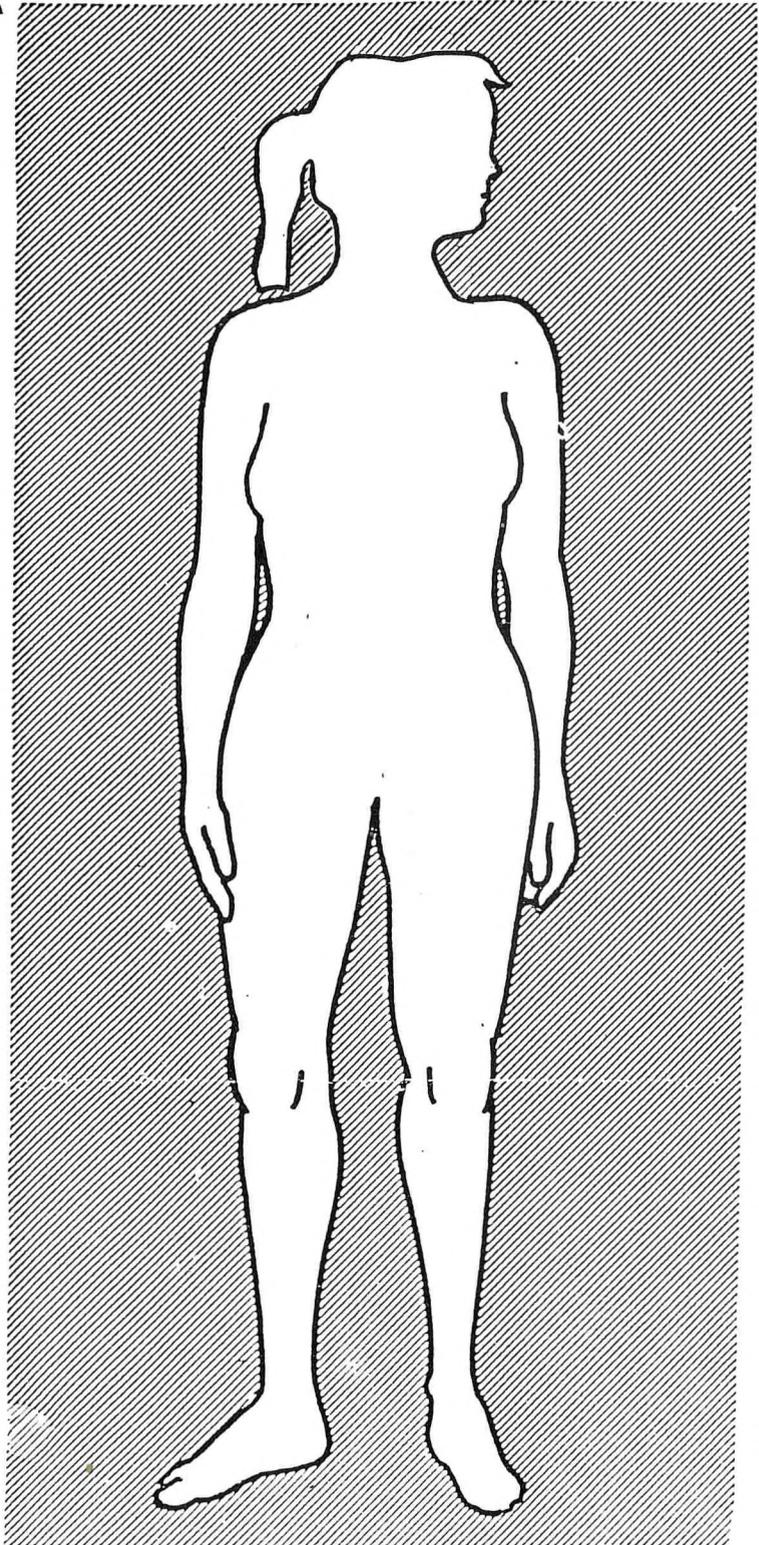
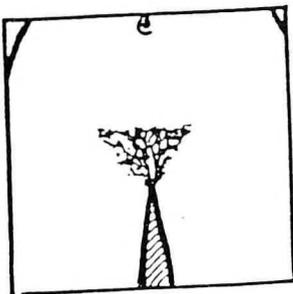
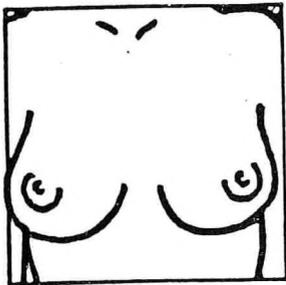
O NOSSO CORPO POR DENTRO



O NOSSO CORPO POR DENTRO

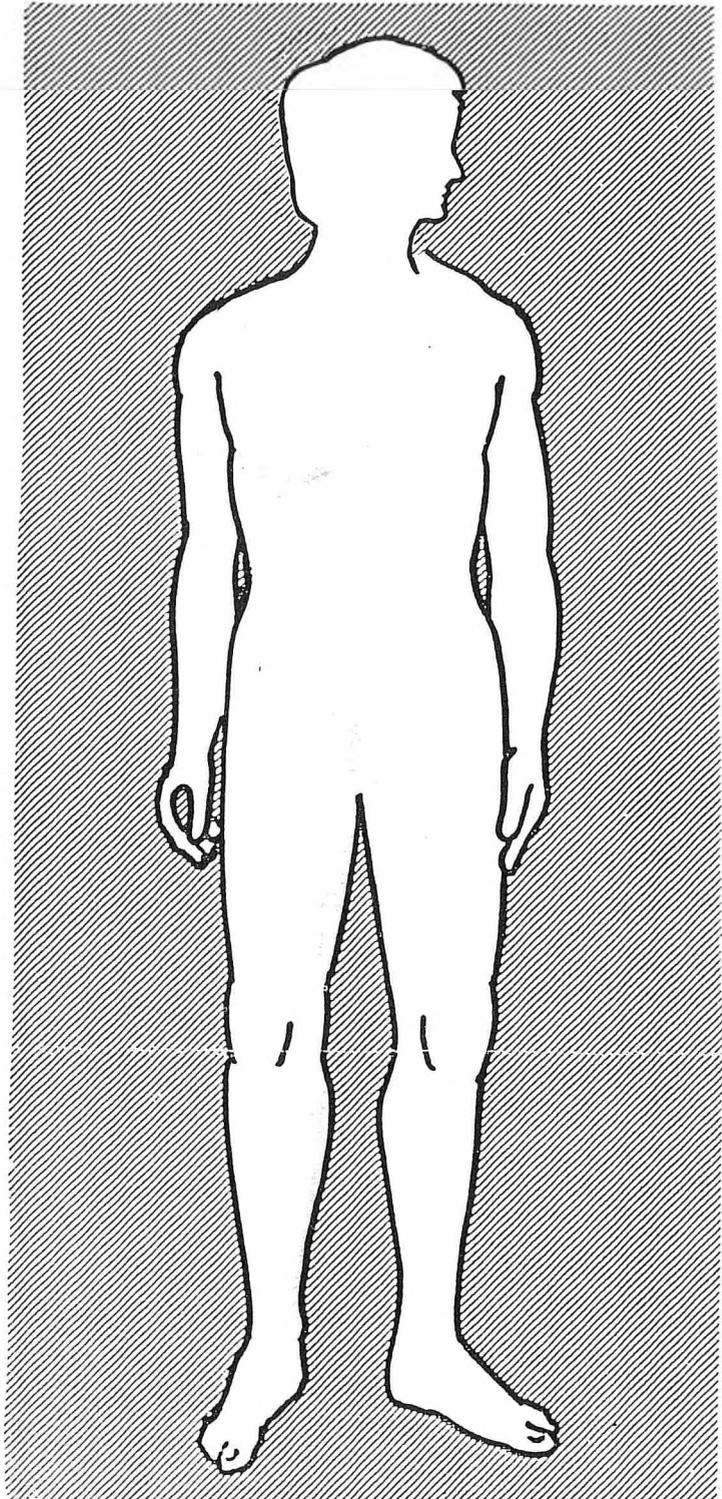
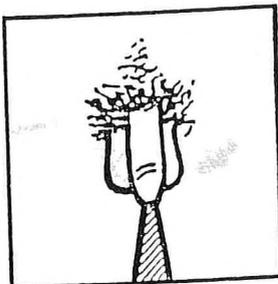
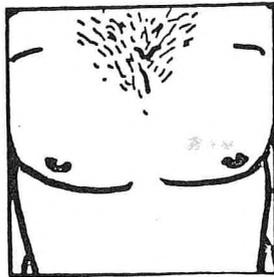


O CORPO FEMININO POR FORA



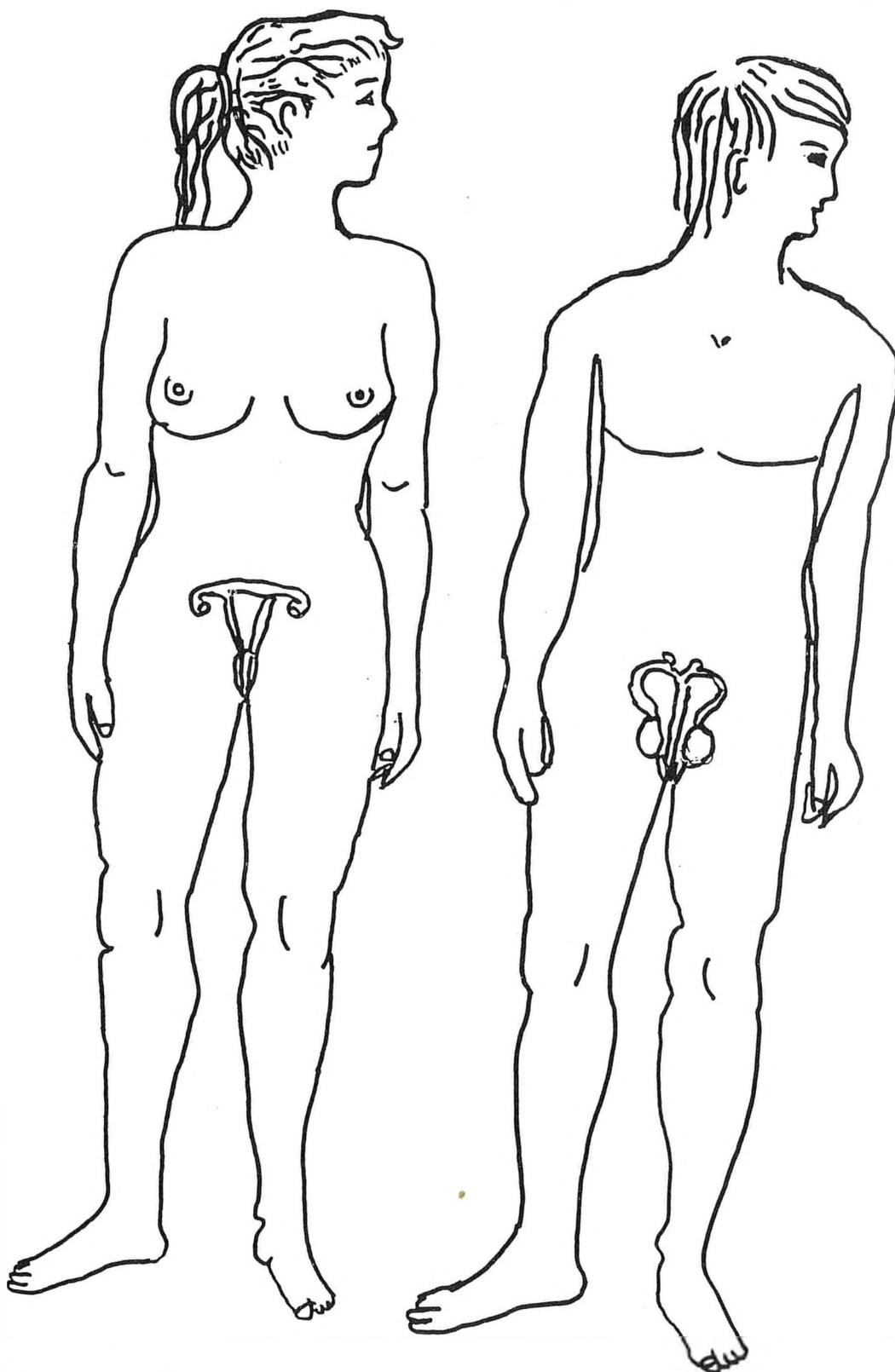
recortar cada peça do puzzle e colar em cartão

O CORPO MASCULINO POR FORA

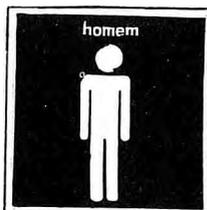
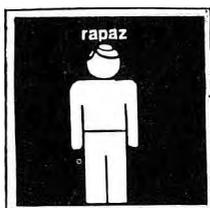


recortar cada peça do puzzle e colar em cartão

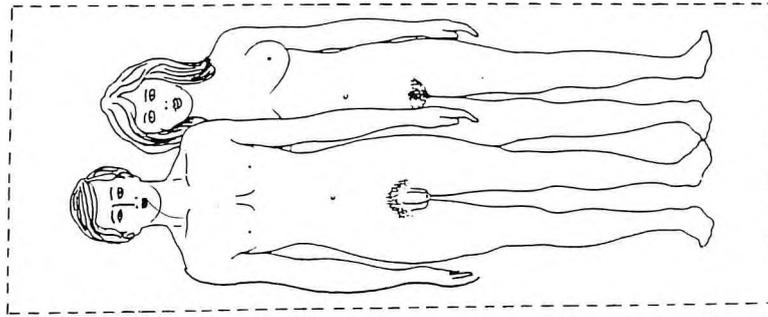
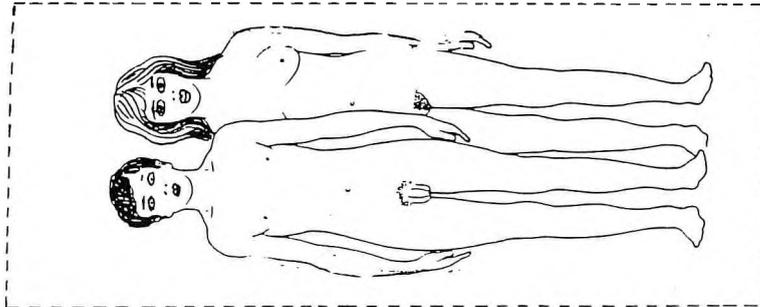
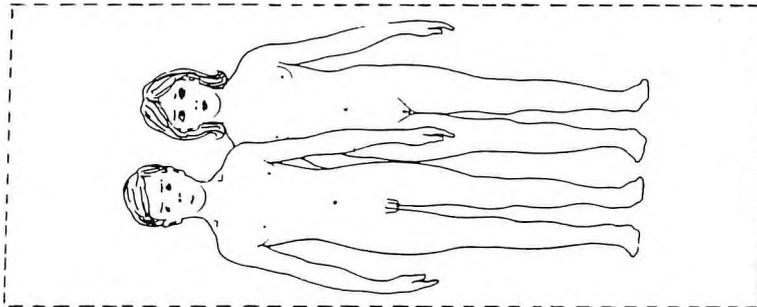
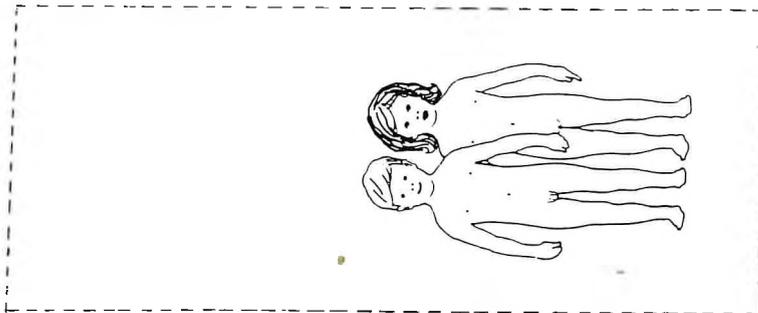
O CORPO FEMININO E MASCULINO POR DENTRO



A QUEM PERTENCE ?

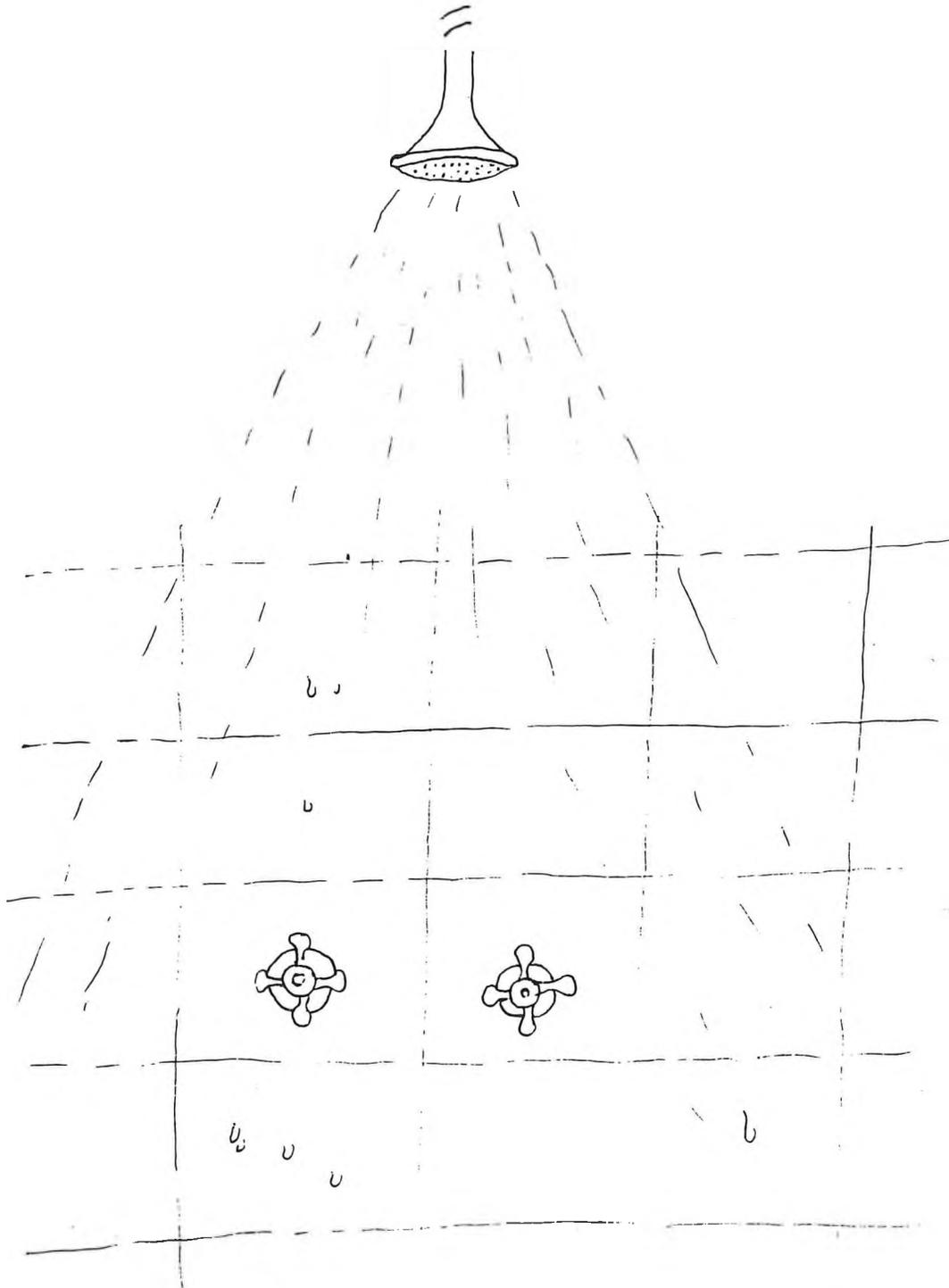


O CORPO A CRESCER

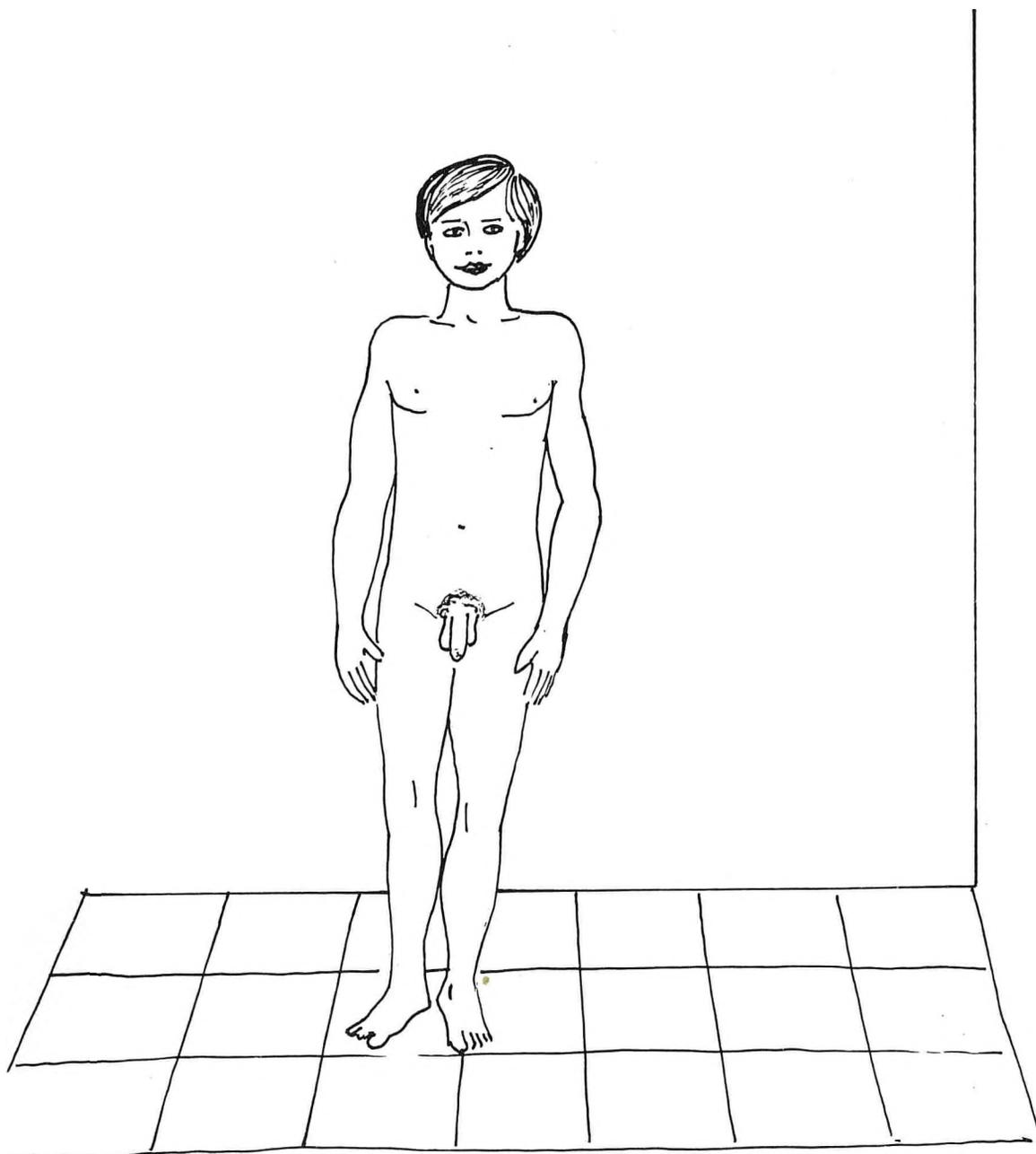


recortar e colar em cartão

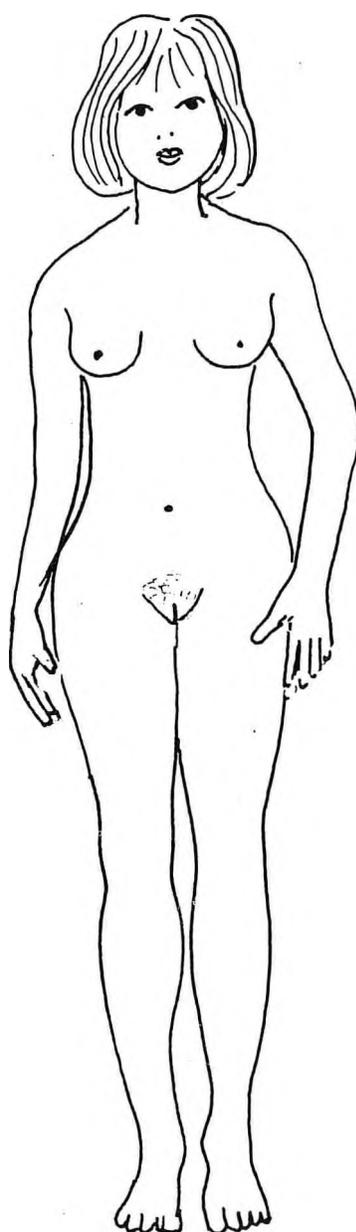
CUIDAR DO MEU CORPO



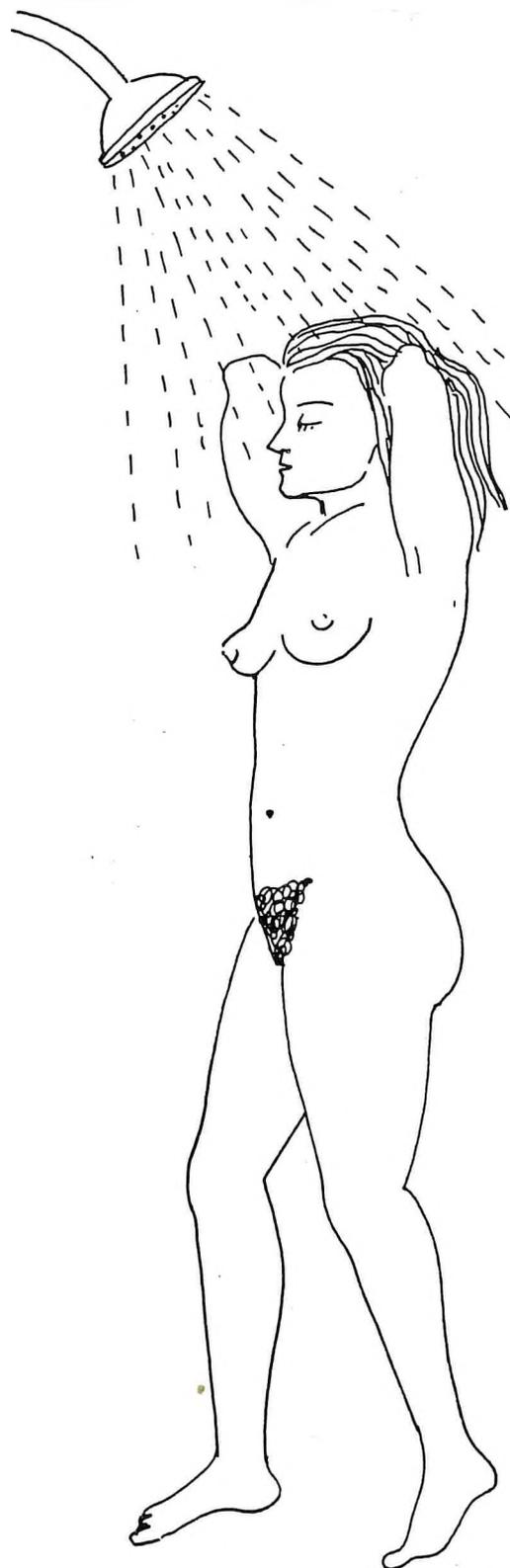
EU E O MEU CORPO



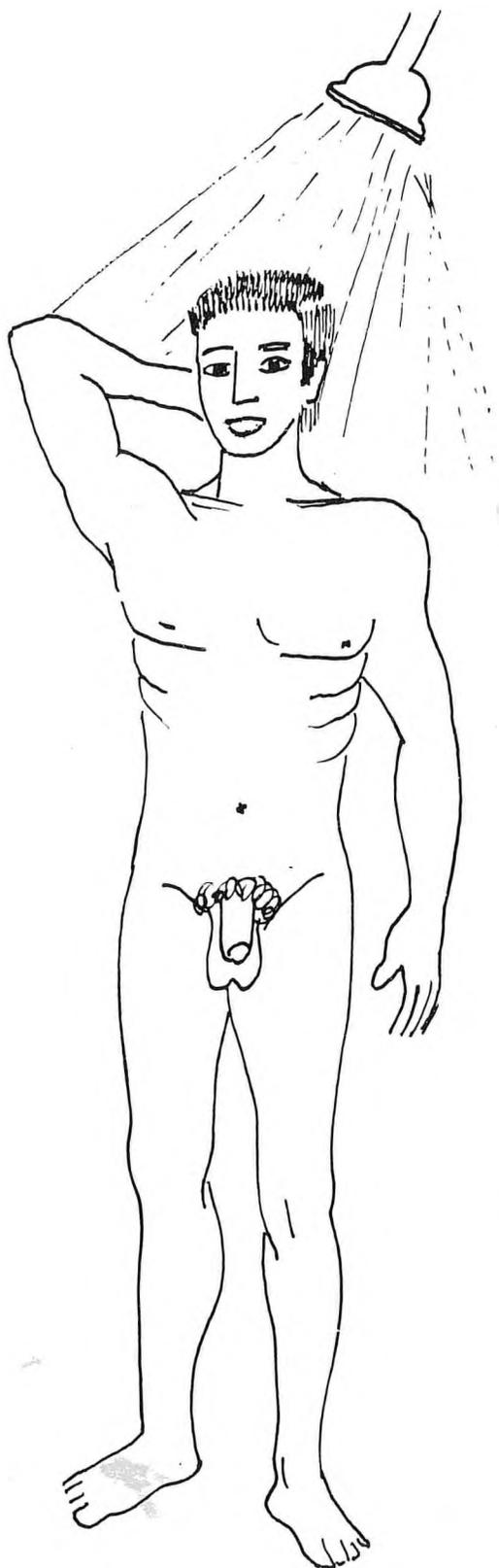
EU E O MEU CORPO



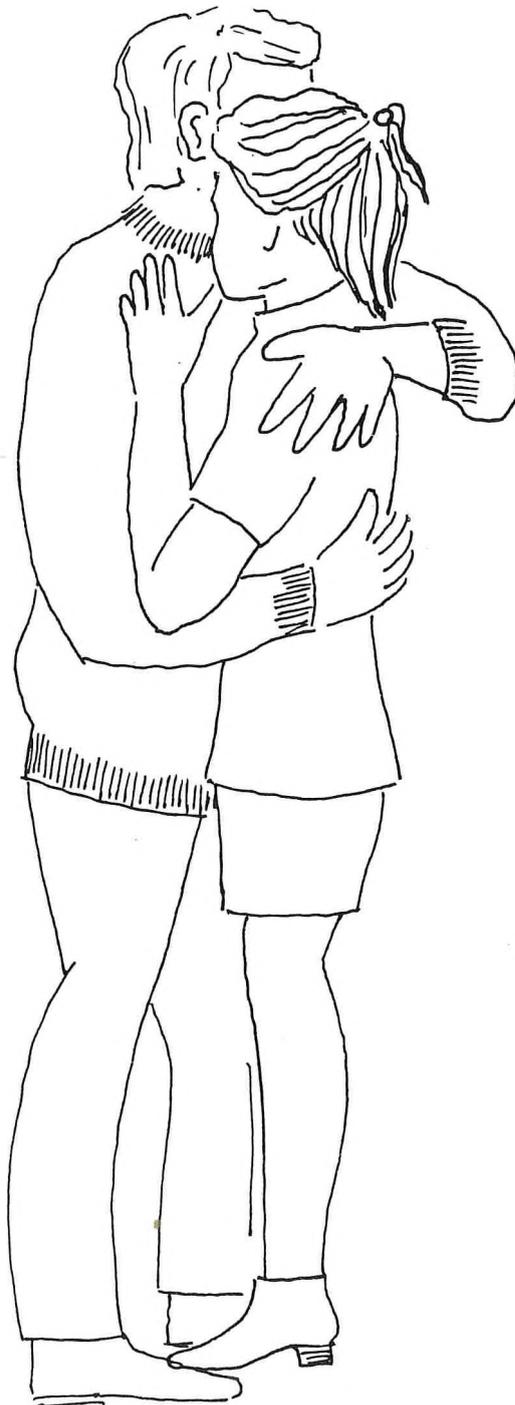
QUE SABEMOS DO CORPO UNS DOS OUTROS



QUE SABEMOS DO CORPO UNS DOS OUTROS



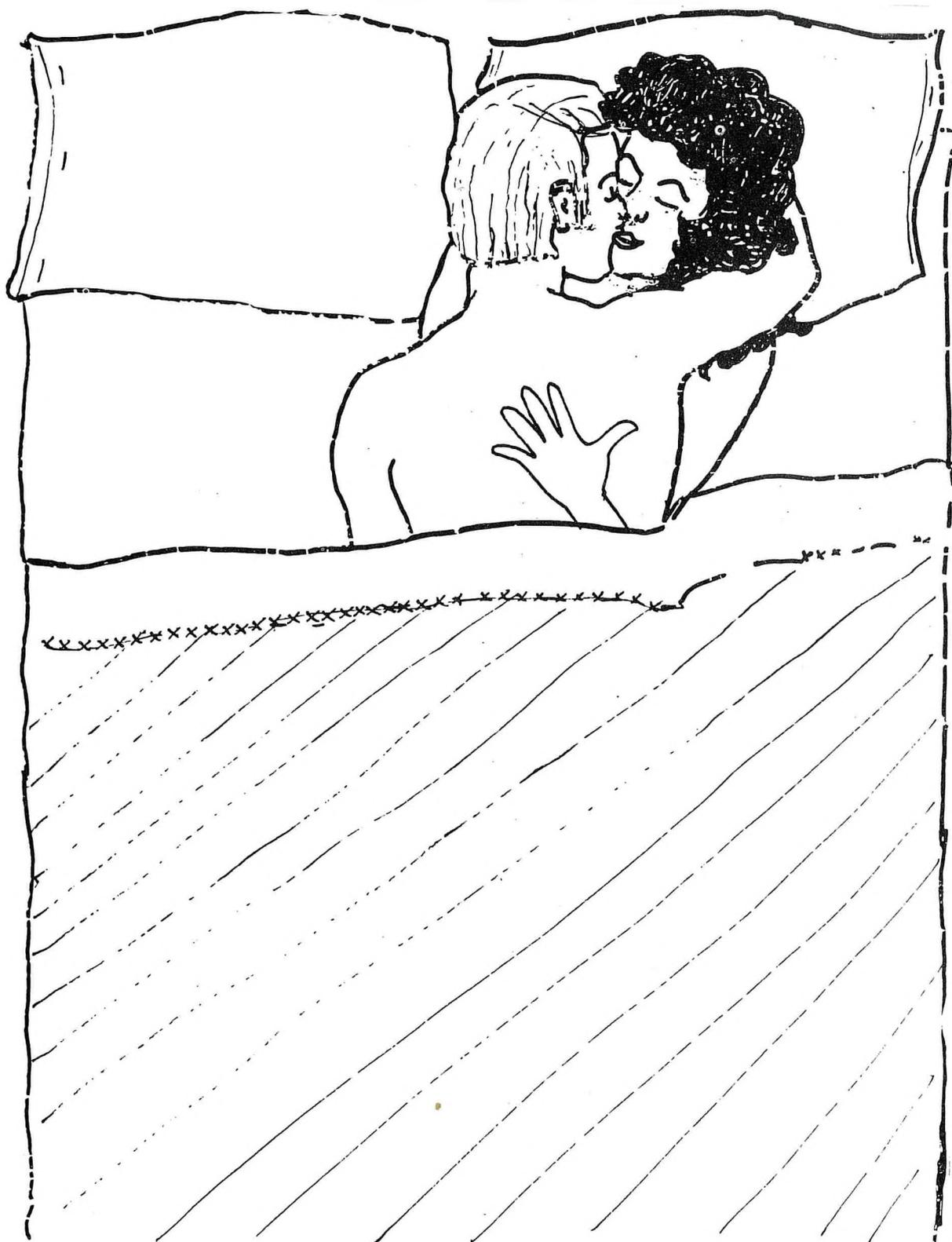
QUE TEM O AMOR A VER COM O SEXO



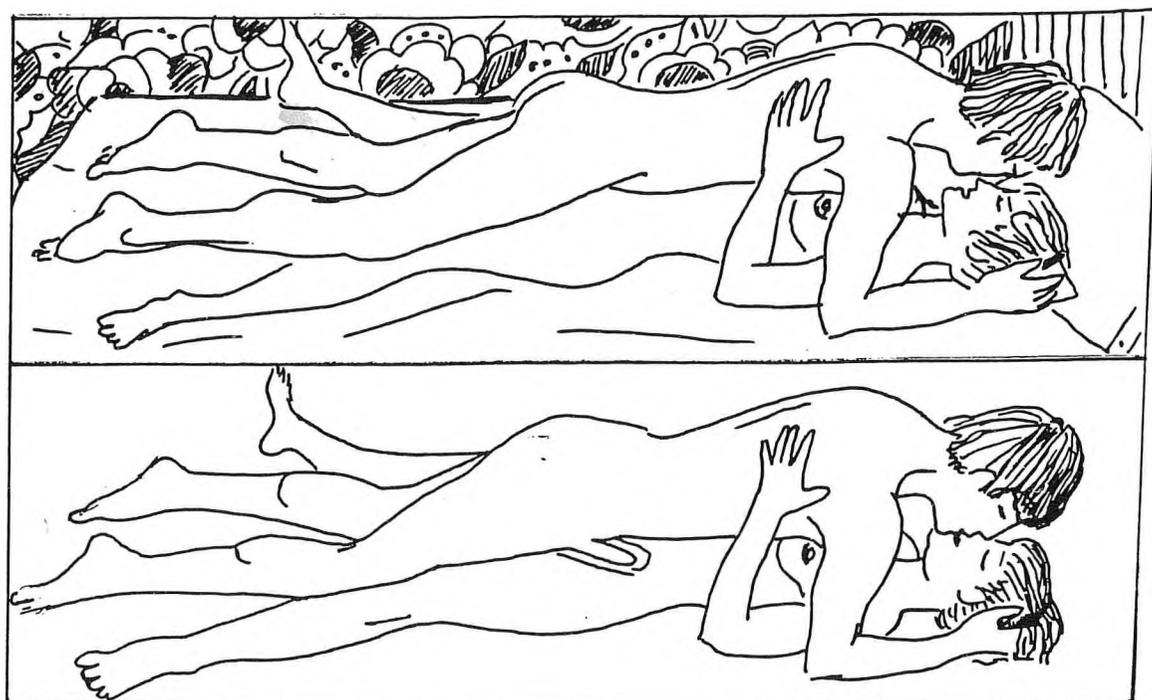
QUE TEM O AMOR A VER COM O SEXO



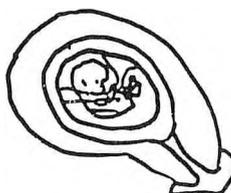
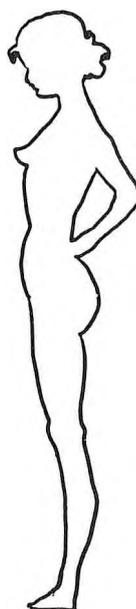
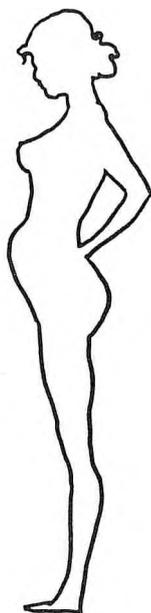
QUE TEM O AMOR A VER COM O SEXO



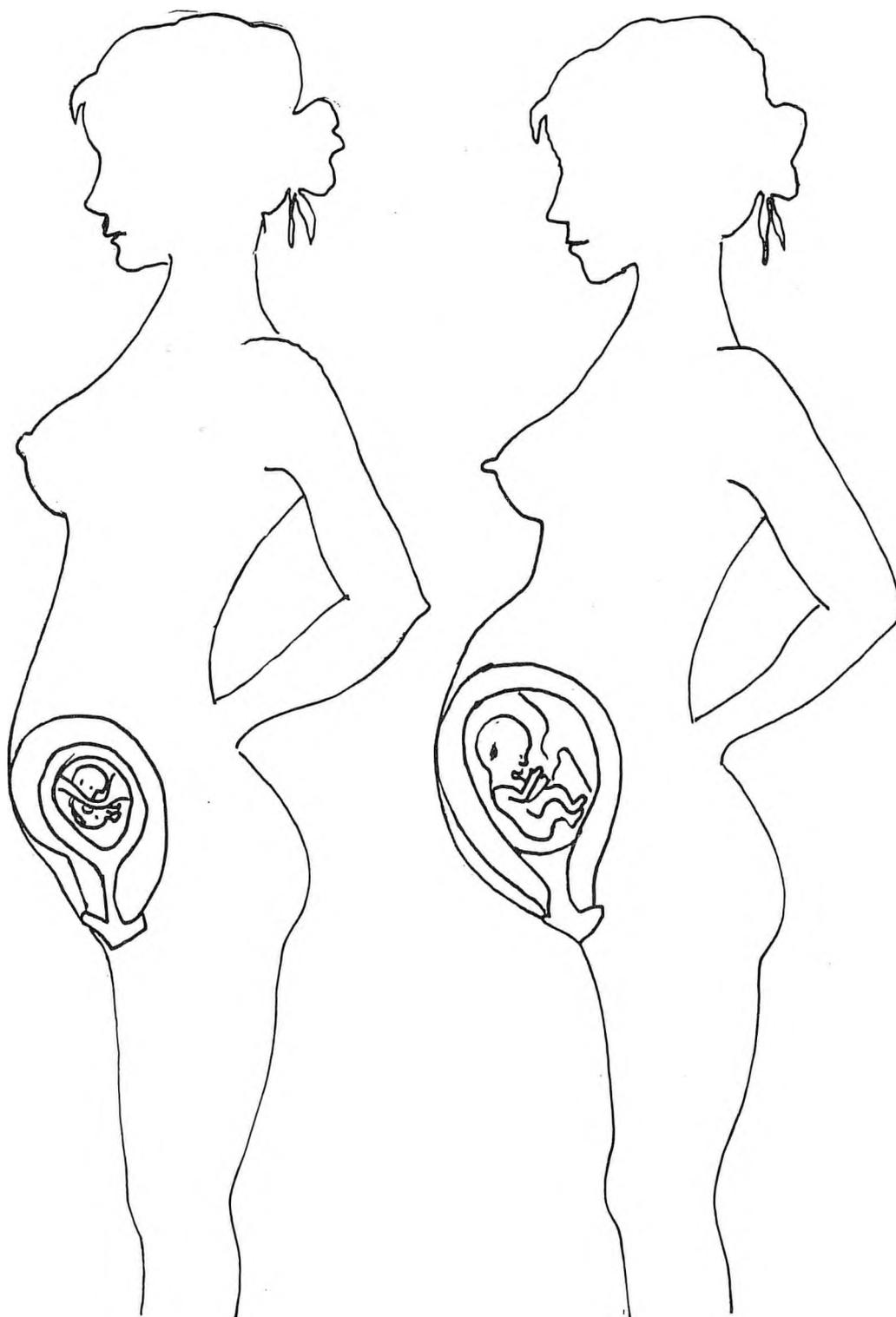
COMO APARECEMOS NA BARRIGA DA MÃE



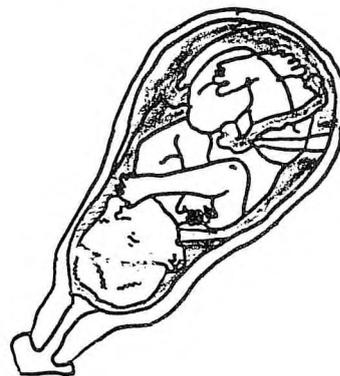
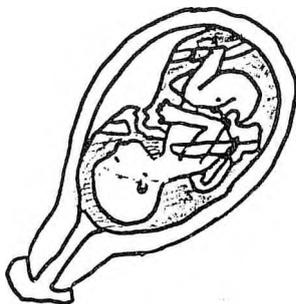
COMO CRESCEMOS NA BARRIGA DA MÃE



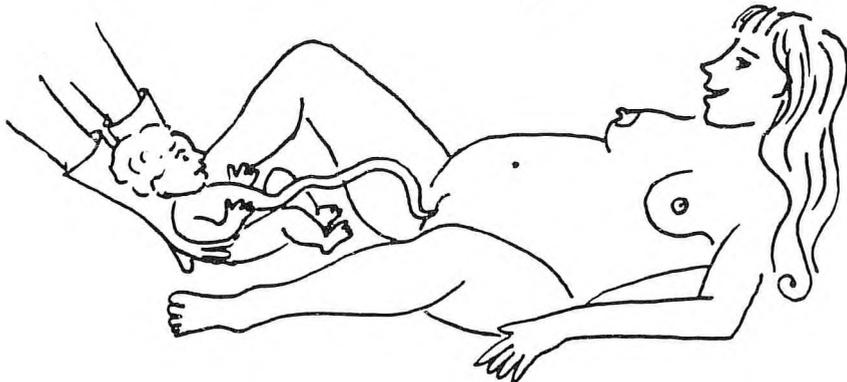
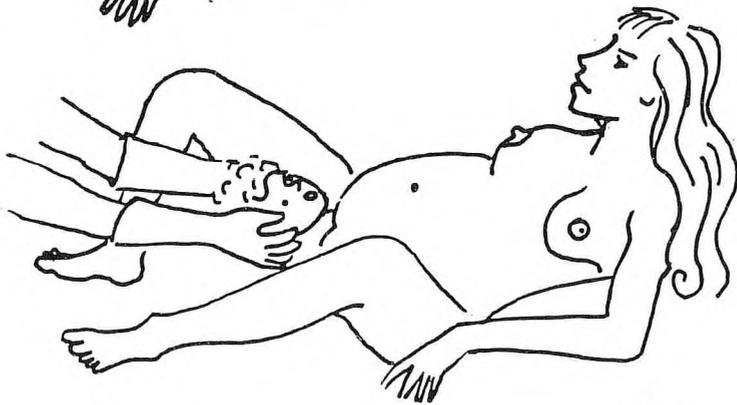
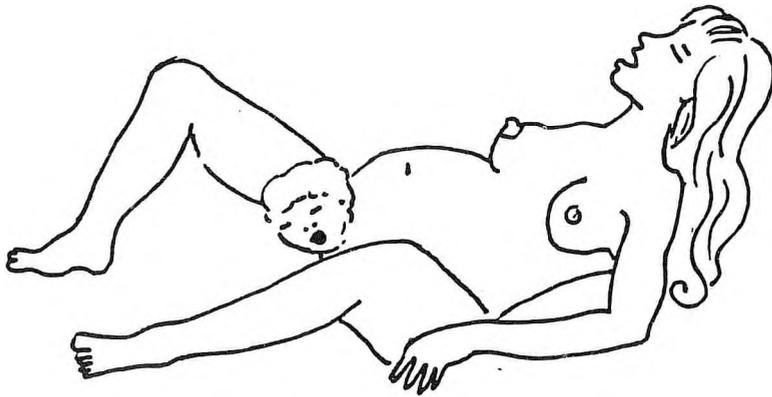
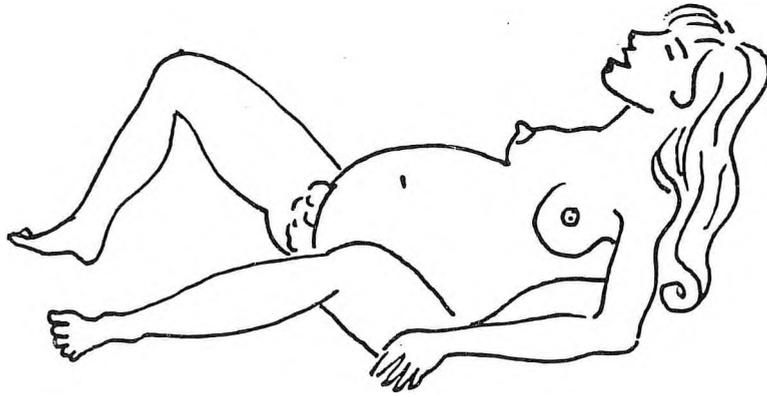
COMO CRESCEMOS NA BARRIGA DA MÃE



COMO CRESCEMOS NA BARRIGA DA MÃE



COMO NASCEMOS



ÍNDICE TEMÁTICO

SESSÃO	TEMA	RELACIONAR COM...
Parte 1		
1. Espelho meu, como sou eu?	Conhecimento de si próprio Noção de auto-estima	2. O meu retrato 4. O meu emblema 5. As nossas qualidades
2. O meu retrato	Conhecimento de si próprio Noção de individualidade	1. Espelho meu, como sou eu? 3. Todos somos diferentes
3. Todos somos diferentes	Diferença entre as Pessoas a nível das características físicas	1. Espelho meu, como sou eu? 2. O meu retrato
4. O meu emblema	Conhecimento de si próprio Noção de auto-estima	1. Espelho meu, como sou eu? 5. As nossas qualidades
5. As nossas qualidades	Valorização das diferenças entre as Pessoas ao nível das características psicológicas	1. Espelho meu, como sou eu? 4. O meu emblema 7. O modo como os outros me vêem 8. O que eu admiro nos outros
6. Aquilo de que gosto mais...	Conhecimento de si próprio Noção de individualidade	12. Do que gosto e do que não gosto 14. O que me faz sentir...
7. O modo como os outros me vêem	Percepção social de si próprio	1. Espelho meu, como sou eu? 5. As nossas qualidades
8. O que eu admiro nos outros	Percepção e valorização das qualidades pessoais dos outros	5. As nossas qualidades 9. O modo como vejo os outros
9. O modo como vejo os outros	Percepção e análise de relações inter-pessoais	8. O que eu admiro nos outros 21/22. A quem posso pedir ajuda
10. O que eu necessito, o que eu desejo	Diferença entre necessidades e desejos	11. As coisas iguais e diferentes que necessitamos e desejamos
11. As coisas iguais e diferentes que necessitamos e desejamos	Semelhanças e diferenças entre as Pessoas no que respeita à expressão das suas necessidades e desejos	10. O que eu necessito, o que eu desejo
12. Do que gosto e do que não gosto	Avaliação de sentimentos em relação às experiências de aprendizagem	6. Aquilo de que gosto mais... 14. O que me faz sentir...
13. Eu sou um sentimento	Expressão de sentimentos	15. O que eu sinto... quando... 16. Advinha o que eu sinto ...

SESSÃO	TEMA	RELACIONAR COM...
14. O que me faz sentir...	Análise das reacções pessoais no que respeita a situações e a coisas	6. Aquilo de que gosto mais... 12. Do que gosto e do que não gosto. 15. O que eu sinto quando ...
15. O que eu sinto... quando...	Percepção e aceitação de sentimentos positivos e negativos	13. Eu sou um sentimento 14. O que me faz sentir... 16. Adivinha o que eu sinto
16. Adivinha o que eu sinto	Percepção e reacções a sentimentos	13. Eu sou um sentimento 14. O que me faz sentir 15. O que eu sinto... quando...
17. O que sinto pelos outros	Atribuição de sentimentos	8. O que eu admiro nos outros 9. O modo como vejo os outros 21/22. A quem posso pedir ajuda...
18. Eu e o perigo	Identificação de situações de perigo (risco) e estratégias para lidar com elas	9. O modo como vejo os outros 19. Como me manter em segurança 20. O que me faz decidir
19. Como me manter em segurança	Segurança pessoal no relacionamento com os outros	17. O que sinto pelos outros 18. Eu e o perigo 19. O que me faz decidir
20. O que me faz decidir	Tomar decisões e ser assertivo	17. O que sinto pelos outros 18. Eu e o perigo 19. Como me manter em segurança
21/22. A quem posso pedir ajuda e	Identificação das Pessoas em quem se pode confiar/pedir ajuda. Identificação das entidades e redes de apoio a quem se pode pedir ajuda	9. O modo como vejo os outros 17. O que sinto pelos outros 20. O que me faz decidir
23. Quem usa o quê?	Questões relativas ao género	24. Quem brinca ao quê? 25. Quem faz o quê?
24. Quem brinca ao quê?	Percepção e análise de papéis sexuais	23. Quem usa o quê? 25. Quem o faz o quê? 34. Um dia em Família.
25. Quem o faz o quê?	Percepção e análise dos papéis sexuais	23. Quem brinca ao quê? 34. Um dia em Família

SESSÃO	TEMA	RELACIONAR COM...
Parte 2		
26. Um, dois, três... Responde lá outra vez	Principais órgãos externos do corpo	27. Puzzle do corpo humano 29. O corpo feminino e o corpo masculino por fora 43. Que sabemos do corpo uns dos outros
27. Puzzle do corpo humano	Esquema corporal	26. Um, dois, três... Responde lá outra vez 2. O meu retrato 29. O corpo feminino e o corpo masculino por fora 43. Que sabemos do corpo uns dos outros
28. O nosso corpo por dentro	Principais órgãos internos do corpo	30. O corpo feminino e o corpo masculino por dentro
29. O corpo feminino e o corpo masculino por fora	Diferenças anatómicas externas entre os dois sexos	37. O meu corpo agora 43. Que sabemos do corpo uns dos outros
30. O corpo feminino e o corpo masculino por dentro	Diferenças anatómicas internas entre os dois sexos	37. O meu corpo agora 45. Como aparecemos na barriga da Mãe
31. Adivinha quem é?	Crescimento e mudança	32. A quem pertence? 31. Para quem é? 35. Os nossos momentos felizes... 36. O meu corpo a crescer
32. A quem pertence?	Crescimento: capacidades e responsabilidades	31. Adivinha quem é? 33. Para quem é? Um dia em família
33. Para quem é?	Capacidades e responsabilidades que mudam com a idade	31. Adivinha quem é? 32. A quem pertence? 34. Um dia em Família
34. Um dia em Família	Idade, papéis e responsabilidade	25. Quem faz o quê? 32. A quem pertence? 33. Para quem é?
35. Os nossos momentos felizes...	Diferenças e semelhanças nas mudanças pessoais	31. Adivinha quem é? 36. O corpo a crescer
36. O corpo a crescer	Crescimento e mudança	31. Adivinha quem é? 35. Os nossos momentos felizes 37. O meu corpo agora

SESSÃO	TEMA	RELACIONAR COM...
37. O meu corpo agora	Mudanças da Puberdade: Menstruação, Ereção e Ejaculação	36. O meu corpo a crescer 30. O corpo feminino e o corpo masculino por dentro
38. Cuidar do meu corpo	Cuidados a ter com o corpo	39. O que ajuda o meu corpo a sentir-se bem
39. O que ajuda o meu corpo a sentir-se bem	Artigos de higiene	38. Cuidar do meu corpo
Parte 3		
40. Que sentem eles, um pelo outro	Análise de expressões de atracção	16. Adivinha o que eu sinto... 41. O respeito pela vontade dos outros 44. Que tem o amor a ver com o sexo
41. O respeito pela vontade dos outros	Respeito pelo outro na expressão de afectos	16. Adivinha o que eu sinto... 17. O que sinto pelos outros 40. Que sentem eles um pelo outro 44. Que tem o amor a ver com o sexo.
42. Eu e o meu corpo	Masturbação	37. O meu corpo agora
43. Que sabemos do corpo uns dos outros	Actividade sexual	29. O corpo feminino e o corpo masculino por fora 30. O corpo feminino e o corpo masculino por dentro 44. Que tem o amor a ver com o sexo
44. Que tem o amor a ver com o sexo	Relacionamento amoroso e sexual	40. Que sentem eles, um pelo outro 41. O respeito pela vontade dos outros 43. Que sabemos do corpo uns dos outros
45. Como aparecemos na barriga da Mãe	Reprodução	43. Que sabemos do corpo uns dos outros 44. Que tem o amor a ver com o sexo 46. Como crescemos na barriga da Mãe
46. Como crescemos na barriga da Mãe	Gravidez	45. Como aparecemos na barriga da Mãe 47. Como nascemos

SESSÃO**TEMA****RELACIONAR COM...**

47. Como nascemos

Parto

45. Como aparecemos na barriga da Mãe

46. Como crescemos na barriga da Mãe

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- Aubertin, L.; Dakessian, A.; Moley, J. (1978). "Why not? Sex education of the mentally handicapped. S. I.: Hôpital Rivière-Des-Prairies, Publications Service.
- Barragán, F.M. (1991). La educación sexual: guía teórico y práctica. Barcelona, Ediciones Paidós.
- Bender, M. Valletutti, P. J. & Bender, R. (1978). Teaching the moderately and severely handicapped: curriculum objectives, strategies and activities. vol II, Baltimore, University Park Press.
- Bracken, D. & Massey, D. (1990). They know it all: a manual for everyone interested in sex education worker. London, I.P.P.F.
- Collective (1989). Our bodies, ourselves. Boston Women's Health Book, Penguin.
- Comité Nacional de Comunicación no Vocal (1985). Desarrollo de la comunicación y metodologías de valoración. Madrid, Informes Fundesco.
- Cortêsão, I.; Silva, M. A.; Torres, M. A. (1989). Educação para uma sexualidade humanizada: guia para professores e pais. Porto, Edições Afrontamento.
- Craft, M & Craft, A. (1987). Sex and the mentally handicapped: a guide for parents and carers. London, Routledge.
- Dixon, H. (1986). Options for change: a staff training handbook on personal relationships and sexuality for people with a mental handicap.
- Fisher, H. L.; Krajicek, M. J.; Borthick, W. A. (1983). Sex education for the developmentally disabled. Baltimore, University Park Press, 3.ª Edição.
- Frade, A.; Marques, A. M.; Alverca C.; Vilar D. (1992). Educação sexual na escola: guia para professores, formadores e educadores. Lisboa, Texto Editora.
- Freixa, M. N. (1993). Familia y deficiencia mental. Salamanca, Amazú Ediciones.
- Garcia Cernuda. S. P.; Gortazar, M.; (Mar: 1985). Los procedimientos de comunicación simultánea en deficiencia mental. Consideraciones sobre la evaluación previa. Madrid, III Simposium de Logopedia.
- Gomes, A. M. A. (1991). Educação sexual para os deficientes? Rev. Planeamento Familiar, (51) pp. 8-10.

-
- Lipp M. N. (1993). *Sexo para deficientes mentais*, S. Paulo Cortez Editora, Editora Autores Associados.
- Lopez, F. (1985). *Principios básicos de la educación sexual*. I.C.E. Ediciones de la Universidad de Salamanca.
- Mayer Johnson, R. M. A. (1981). *SPC. Símbolos pictográficos para la comunicación (no vocal)*. Madrid, Servicio de Publicaciones del MEC.
- Monat, R. K. (1982). *Sexuality and the mentally retarded: a clinical and therapeutic guide book*. San Diego, College Hill Press.
- Miguel, N. e Gomes A. A. (1989). *Só para jovens: juventude, afecto e sexualidade*. Lisboa, Texto Editora.
- Novais, M.. *Sexo para deficientes*. Coleção Educação Contemporânea, Série Educação Especial, Cortez Editora.
- Rasser, J. (1981). *Stages de l'Association Britannique sur l'éducation sexuelle et les relations mutuelles, pour ceux qui soignent les handicapés mentalement*. Planned Parenthood in Europe, vol. X (2).
- Sampaio, S. (1987). *Sexualidade e deficiência: sexologia em Portugal*. vol. I, Lisboa, Texto Editora.
- Sanders, P. & Swinden, L. (1992). *Knowing me, Knowing you*. Cambridge, LDA, Abbeygate House, East Road.
- Szaz, G. (1991). *Sexuality in persons with severe disabilities: the problem areas*. Rehabilitation Digest, vol. 22 (3).
- Tamarit, J. (Mayo-Junio 1985). *Comunicación simultánea: intervención en deficiencia mental*. Madrid, Seminario internacional sobre el lenguaje de signos de la educación de los niños con dificultades de comunicación oral.
- The Association to aid the sexual and personal relationships of people with a disability (1990). *Sexuality and mental handicap (desdobrável)*. London SPOD (Resource & Information Leaflet, 6).
- Verde, J. B.; Gorogli, G.; Valguimigli, G. *La sexualidad del deficiente*, CEAC Educación Especial.



**SECRETARIADO NACIONAL PARA
A REABILITAÇÃO E INTEGRAÇÃO
DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

Av. Conde Valbom, 63
1069-178 LISBOA
Tel.: 792 95 00
Fax: 792 95 09